

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

ELEUZA MENEZES MARIANA

TEMA:

**A FUNÇÃO DAS MERENDEIRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE
UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS: DISCIPLINARIZAÇÃO DO TRABALHO E
RECONHECIMENTO SOCIAL.**

**UBERLÂNDIA – MG
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

ELEUZA MENEZES MARIANA

TEMA:

**A FUNÇÃO DAS MERENDEIRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE
UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS: DISCIPLINARIZAÇÃO DO TRABALHO E
RECONHECIMENTO SOCIAL.**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Bacharelado e licenciatura em História, sob a orientação da Professora Doutora Jorgetânea da Silva Ferreira.

**UBERLÂNDIA – MG
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

ELEUZA MENEZES MARIANA

TEMA:

**A FUNÇÃO DAS MERENDEIRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE
UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS: DISCIPLINARIZAÇÃO DO TRABALHO E
RECONHECIMENTO SOCIAL.**

Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, para a obtenção do título de
Bacharelado e licenciatura em História, sob a
orientação da Professora Doutora Jorgetânea
da Silva Ferreira.

Uberlândia, ...de 2013.

Professora Dr^a Jorgetânea da Silva Ferreira
Orientadora

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes

Prof^a. M^a. Wilma Ferreira de Jesus

AGRADECIMENTOS

A Deus que me proporcionou a realização de mais esse sonho.

Aos meus filhos, Lucas e Samuel, pelas palavras de incentivo, carinho e apoio incondicional em todas as horas de minha vida.

A Professora Jorgetânea, que com paciência e atenção orientou esse trabalho.

A todos os professores do curso pela dedicação e generosidade.

Aos meus colegas de História pela convivência e aprendizado.

Aos funcionários do Instituto de História por estarem sempre presentes na solução dos problemas, em especial ao João Batista, secretário do curso.

A todas as merendeiras com as quais convivi ao longo de minha vida de discente e docente, meu respeito e admiração eternos.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo Um: Merendeiras, gênero, trabalho e perspectivas	13
1.1 – Trajetórias e influências	13
1.2 – Gênero e historiografia	19
1.3 – Cotidiano, trabalho e vida privada	24
Capítulo Dois: Necessários Rastros Indiciários	28
2.1 – Normatização cultural de gênero	28
2.2 – Limites do lazer feminino	31
2.3 – Desvalorização do trabalho da merendeira	32
2.4 – Os sentidos do cuidado e a divisão do trabalho entre homens e mulheres ..	34
2.5 – Hierarquia e relações de trabalho	37
2.6 – Lei Complementar 101/95 e suas consequências	40
Considerações Finais	45
Referências Bibliográficas	50

INTRODUÇÃO

A história não é uma busca de um tempo homogêneo e vazio, preenchido pelo historiador com sua visão dos acontecimentos, mas é muito mais uma busca de respostas para os agoras. A história é um imenso campo de possibilidades onde inúmeros agoras irão questionar momentos, trabalhar perspectivas, investigar pressupostos.

Walter Benjamin¹

Esta pesquisa buscou analisar as representações construídas sobre as merendeiras, a fim de compreender os significados, sentidos e relações que evidenciem um lugar político, social e cultural no âmbito da escola e da sociedade brasileira, bem como discutir o reconhecimento social desses sujeitos no espaço escolar e na administração municipal de Uberlândia, Minas Gerais, e a importância do papel e da atividade que elas exercem na sociedade.

Objetiva ainda, analisar as representações desta profissão por parte da instituição empregadora, da própria trabalhadora e da sociedade nas duas últimas décadas, ou seja, a partir do primeiro concurso, 1991, quando a profissão foi institucionalizada. Analisaremos o processo de trabalho dessas trabalhadoras, no período histórico de 1991 a 2012², com destaque para a mudança, o enquadramento da denominação de Merendeira para Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) a partir da lei complementar 101/95, suas consequências e justificativas.

Compreendo que pensar as experiências das merendeiras enquanto pessoal de apoio que cuida da higiene ambiental e da alimentação no âmbito escolar, nos permitirá desvendar as práticas e lutas dessas trabalhadoras no que se refere à valorização, oportunidade e reconhecimento social das mesmas.

Gramaticalmente usaremos o feminino para designar tais trabalhadores entendendo que em geral são mulheres que sempre estiveram à frente de tal função.

A prática da atividade de merendeira como objeto de estudo será considerada na sua dimensão cultural enquanto prática social, portanto, enquanto prática de significação.

¹ BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Editora Brasiliense. 7ª edição. São Paulo. 1994. p.224.

² Conforme dados fornecido pelo Núcleo de Recrutamento de Pessoal da Prefeitura Municipal de Uberlândia, processo número 17390, Número de folha 03, em 01/08/2013, entre o ano de 1991 e 2012 foram realizados sete concursos para cargos de Merendeira/Auxiliar de Serviços Gerais: o 1º concurso para o cargo de Merendeira foi realizado em 23/01/1991; o 2º concurso para o cargo de Merendeira foi realizado em 06/01/1994; o 3º concurso foi para o cargo de Auxiliar de Serviços Gerais em 03/11/1995, o 4º concurso foi para o cargo de Auxiliar de Serviços Gerais o qual foi realizado em 07/05/1998. Somente em 2008, dez anos depois, foi realizado o 5º concurso para o cargo de Auxiliar de Serviços Gerais em 03/12/2008. O 6º concurso foi realizado em 26/07/2010 e o 7º concurso em 28/12/2011.

invisibilidade”, “banalidade”, ciente de que, dentro de um ritual diário e rotineiro, sua função é tida com dComo ela é percebida dentro do cotidiano escolar, sua “e menor importância nesse espaço destinado à atividade pedagógica.

É um segmento preferencialmente de mulheres, antes, mulheres mães, mulheres esposas, mulheres chefe de famílias.

A decisão de enfrentar o desafio de pesquisar um tema pouco abordado e com pouca visibilidade nos meios acadêmicos, tem muito a ver com a afirmação de Rubem Alves, de que, ao eleger um campo de estudo:

Antes de mais nada, é necessário saber discriminar os problemas que merecem e devem ser investigados. Mas este poder de discriminação não nos vem da ciência. A ciência só pode nos oferecer métodos para explorar, organizar, explicar e testar *os problemas previamente escolhidos*. Ela não nos pode dizer o que é importante ou não. A escolha dos problemas é um ato anterior à pesquisa, que tem a ver com os valores do investigador.³

Posto isso, convém dizer que, intenciona-se questionar os sentidos, os significados e a relevância da profissão no sistema escolar municipal de Uberlândia, Minas Gerais, por meio da análise de representação de textos, do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal, e entrevistas, bem como analisar a valorização, desvalorização e negação de um lugar social, referentes à profissão de merendeira.

É importante analisarmos o fazer cotidiano dessa classe trabalhadora, não só no espaço escolar, mas também nos espaços de sociabilidade como o local de moradia. Este local deve constar de nossas pesquisas, observações e preocupações, pois, como afirma Antônio de Almeida:

Esse é um espaço que aqui está sendo compreendido como fértil terreno constitutivo de sociabilidades e identidades coletivas no qual os indivíduos, para além das relações formais do mercado, são identificados não apenas pelo que fazem ou possuem, mais também pela sua ação de sujeito social⁴

Penso que é nosso dever enquanto historiadores, e, mais importante ainda, é também vital para o futuro do processo organizacional das escolas, compreender os diversos setores que compõem o espaço social e educacional, como administradores, professores, ou seja, os funcionários que pertencem ao quadro do magistério, e porque não, o pessoal que atua no quadro técnico. No caso desta pesquisa, o olhar recai sobre os profissionais de apoio, dos serviços básicos, as merendeiras.

³ ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de estudar*. 28 ed. São Paulo. Cortez Editora. 1992, p. 79.

⁴ ALMEIDA, Antônio de. *Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*. Uberlândia. EDUFU. 2008. p. 94.

Dessa forma, esta proposta é permeada pela inquietação do próprio presente, pois como nos mostra Marc Bloch, que:

Para formular corretamente os problemas, para até mesmo fazer uma idéia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje. Pois, apenas ela, dá as perspectivas de conjunto de que era indispensável partir, não, decerto, que se trate – tendo imobilizado, de uma vez por todas, essa imagem – de impô-la, tal qual, a cada etapa do passado sucessivamente encontrado, da montante à jusante. Aqui como em todo lugar, essa é a mudança que o historiador quer captar.⁵

Uma discussão sobre a metodologia de trabalho do historiador faz-se necessária, para que esta pesquisa seja desenvolvida. Para isso, procurei fazer uma interlocução com alguns autores. O historiador Jacques Le Goff, refletindo sobre sua escolha do ofício do historiador justificava: “tive de refletir sobre o fato de que não se pode fazer história à priori”.⁶ Isso nos remete a pensar o caminho que o historiador propõe a percorrer, mas é preciso, atentar para o que um dos fundadores da escola dos Annales, Marc Bloch, ressalta, que: “o explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso”.⁷

Tomamos como base, a escola dos Annales, para justificar uma de nossas opções historiográficas que é a história social.

A referência movimento dos Annales se faz necessária por ter se tornado o marco, real ou simbólico, de constituição de uma nova história, em oposição a abordagens rankianas, predominantes entre os historiadores profissionais até a primeira metade do século.

Ainda hoje, a expressão “história social” é freqüentemente utilizada como forma de demarcar o espaço desta outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional.⁸

Para Castro, a fixação desta expressão “história social”, num sentido mais amplo, deve-se em parte a uma nuance de significação, também associada ao movimento dos Annales, que freqüentemente aparece informando sua utilização genérica. Portanto:

Antes de ser um campo definido por uma postura historiográfica, que resulta num alargamento do interesse histórico, construído em oposição às limitações da historiografia tradicional, a história social passa a ser encarada como perspectiva de

⁵ BLOCH, Marc. *A observação histórica*. In: BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001. p. 67.

⁶ AUFIRAS, Munique Uma entrevista com Jacques Le Goff. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 129.

⁷ BLOCH, Marc. Op. cit., p. 79.

⁸ CASTRO, Hebe. *História social*. In: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro. Campus. 1997. p. 108.

síntese, como reafirmação do princípio de que, em história todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam.⁹

Para dar conta do que queremos analisar buscamos unir além das relações de gênero e história social, utilizamos também, a história cultural. No complexo processo de seleção de fontes, percebemos o quanto a cultura está submersa nas discussões e decisões sobre a atividade de merendeira, discussões estas carregadas de representações e símbolos. A partir dessa convicção faz-se necessário refletir sobre as advertências e os ensinamentos de Chartier, relativos à História cultural:

[...] pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais própria de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo tal como não o são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando.¹⁰

É necessário atentar também para a afirmação de Stuart Hall, de que, nem tudo significa cultura, porém, é preciso estar ciente:

[...] que toda prática social depende e tem relação com a cultura, é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, pois toda prática social tem uma dimensão cultural.
Não que não haja nada além do discurso, mas que cada prática social tem o seu caráter discursivo.¹¹

A partir de nossas escolhas, acreditamos que as palavras de Maria do Pilar Viera de Araújo apresenta de forma clara os passos do fazer do historiador.

Enquanto o historiador realiza sua pesquisa e constrói seu objeto de estudo, os passos de seu trabalho não são separados uns dos outros nem se encadeiam numa ordem sucessiva. Pelo contrário o encaminhamento da reflexão a partir da posição teórica do pesquisador de sua localização na prática social, de suas expectativas e do diálogo que faz as fontes, é um movimento único, em que o avanço em algumas partes auxilia em melhores definições em outras, e vice-versa.¹²

⁹ CASTRO, Hebe. História social. In: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro. Campus. 1997, p. 46.

¹⁰ CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e representações. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil/DIFEL, 1998, p. 17.

¹¹ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 2. p.15-46, jul./dez, 1997. p. 33.

¹² VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. *A pesquisa em história*. São Paulo. Ática. 1989, p. 30.

A autora Maria do Pilar afirma ainda a importância da problematização, pois é a partir dela que o pesquisador escolhe a metodologia mais adequada para alcançar os objetivos propostos e ao mesmo tempo validar ou refutar as hipóteses levantadas. E, assegura que, o historiador deve constatar que a história não é, e não deve ser apenas uma ciência que se preocupa tão somente com os fatos políticos, mas ele deve:

Pensar a história como experiência humana – que é de classe e de luta, portanto vivida a partir de necessidades, interesses e com antagonismos – é situá-la como um campo de possibilidades em que várias propostas estão em jogo.

Pensar a produção do conhecimento histórico como aquele que é capaz de apreender essa experiência vivida por sujeitos ativos que problematizaram sua própria existência implica elaborar procedimentos que permitam recuperar essa problematização colocada pelos agentes do passado, a partir das questões que o presente coloca ao pesquisador.¹³

Sabe-se que a escola dos Annales e a história social inglesa rejeitaram a história positivista, dominante, a *história historicizante* ou do acontecimento, a qual privilegiava os fatos políticos.

Para os Annales, a história deveria ser uma construção do historiador, o qual deveria desprezar os personagens ilustres e dar mais importância aos eventos forjados pelo coletivo e pela sociedade. Assim o historiador deveria compreender a sociedade a partir de sua totalidade, sabendo que os sujeitos históricos são sujeitos políticos, econômicos, culturais e sociais.

François Dosse, em *A História em Migalhas dos Annales à Nova História*, analisa:

Quando a Segunda Guerra mundial termina e temos um mundo novo que se constrói sobre ruínas, o discurso do historiador fundamentado no estado-nação, na vocação européia da missão civilizadora universal, não resiste a essas novas evoluções do mundo contemporâneo e a aspiração a uma história diferente é cada vez mais urgente. [...] Diante dessa nova situação, sentimos a necessidade, na história, de novas categorias de análises para melhor se perceber as evoluções em curso. [...] o resultado dessas transformações é o fenômeno de rejeição de uma história puramente nacional e a reaproximação com as outras ciências sociais. Os Annales modificam-se porque à sua volta tudo se modifica: os homens, as coisas, numa palavra o mundo.¹⁴

¹³ Idem, p. p. 37.

¹⁴ DOSSE, François. *A história em migalhas dos Annales à nova História*, Editora Ensaio. UNICAMP. Campinas. São Paulo. 1992. p. 102.

Para Dosse em lugar da continuidade da evolução histórica, os historiadores atuais se interessam pelas descontinuidades entre séries parciais de fragmentos de história. Para ele, a história foi fragmentada quando o historiador optou por um acontecimento específico. O historiador deixou, portanto, de estabelecer o todo perdendo muito com essa atitude.

Dosse pressupõe a fragmentação como indispensável para o tema escolhido pelo historiador, porém há que constituir um contexto sobre o objeto estudado, senão correrá o risco de desconectá-lo com os outros a sua volta.

Segundo Dosse o historiador não pode negar o aspecto totalitário que deve ser enfocado na história contemporânea, senão fará como fizeram os adeptos da terceira geração dos Annales, os quais juntaram migalhas da história sem que fossem feitas relações entre os fatos. Afirma categoricamente que a história não pode correr o risco de perder sua identidade.

É importante também mencionar Hobsbawn, que foi membro do grupo de historiadores marxista britânicos, como Christopher Hill, Rodney Hilton e Edward Palmer Thompson que, nos anos 60, diante da desilusão com o estalinismo, buscaram entender a história da organização das classes populares em termos de suas lutas e ideologias, através da chamada "História Social". Para analisar a história do trabalhismo e os diversos aspectos que a envolvem, como as revoluções burguesas, o processo de industrialização, as diferentes manifestações de resistência, luta e revolta da classe trabalhadora, Hobsbawn dedicou-se à interpretação do século XIX.

Ele afirmou que, a maior parte da história no passado era escrita para a glorificação e também para o uso prático dos governantes, e que o ramo prático da política da classe dominante, durante a maior parte da história até o final do século XIX, prosseguiu sem muita coisa além de uma ocasional referência à massa da população dominada. Massa que foi pressuposta apenas em ocasiões muito excepcionais, como as grandes revoluções ou insurreições sociais. Cita como exemplo a Revolução Francesa que foi importante não só para a História de baixo como campo específico de estudo, mas também para os movimentos populares. E mais, para ele a Revolução Francesa produziu duas grandes coisas: a primeira, foi a documentação, a burocracia, os registros, os quais permitiram a construção da memória o que propiciou a segunda, que foi a construção das "histórias", dos métodos, ou seja, alavancou a explosão de temas e sujeitos históricos, bem como provocou a criação de procedimentos, maneiras pra encontrar e descobrir esses procedimentos, para ler a história, já que não existia um corpo material pronto sobre o fazer dos trabalhadores.

Afirma ainda, como vários outros autores, que, em geral, não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado. Reconhece ainda a importância da História Oral e os cuidados que o historiador deve ter ao utilizar essa fonte.

[...] hoje a maior parte da história oral é memória pessoal, um meio notadamente escorregadio de se preservar os fatos. A questão é que a memória é menos uma gravação que um mecanismo seletivo, e a seleção, dentro de certos limites, é constantemente mutável.

[...] em minha opinião, jamais faremos uso adequado da história oral até que formulemos o que pode funcionar mal na memória, com o mesmo cuidado com que hoje sabemos o que pode não dar certo na transmissão de manuscritos por meio de cópias manuais.¹⁵

Concordamos que ao trabalhar com história oral devemos ter o cuidado e a mesma inquietação que temos para com toda e qualquer fonte. Precisamos discutir sim os procedimentos adotados e não desqualificá-la como fonte, pois me é particularmente necessária enquanto há ainda poucos materiais referentes ao tema. Mas sei que nada está pronto, nada está dito, mas o que muda é a que pergunta que faço atenta ao tempo que procuro pesquisar.

Compreendo que existe uma lógica histórica para entender a singularidade do trabalhador, da história e do ofício do historiador, mas sei também que não há modelos, há situações específicas, quando cada um encontra seu caminho a partir das escolhas motivações, investigações, materiais e leituras.

Vale mencionar que é preciso estar aberto para mudar a angulação do olhar para as reais situações e experiências, inverter a lente para os pontos pulsantes como são as articulações na história, sem esquecer do rigor acadêmico na pesquisa e investigação.

Alessandro Portelli, estudioso das fontes orais afirma, que a utilização da história oral não anula a escrita e a razão, o que o historiador há que ter em mente é que a depreciação ou a supervalorização das fontes orais podem cancelar as qualidades particulares dessas fontes, transformando-as em meros suportes para as fontes escritas ou apenas em panacéias.

Na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Desta forma requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos.

A partir dos vários estudos, conceitos e reflexões sobre as fontes orais, cremos que para além de nos informar sobre grupos sociais cuja história escrita é falha ou inexistente, ela nos permite ter acesso a vida diária e a cultura material destas pessoas ou grupos, pois elas

¹⁵ **HOBSBAWN**, Eric J. A História de Baixo pra cima. IN: *Sobre História*. Companhia das Letras. São Paulo. 1998. p 221.

nos conta menos sobre os acontecimentos e mais sobre as práticas e significados, sobre imaginação, simbolismo e o sobre o desejo de emergir.

É pertinente lembrar que a partir dos *Annales* e dos historiadores ingleses, ou seja, da História social inglesa, o conceito de documento foi ampliado, e aconteceu então um deslocamento temático saindo do meramente econômico para o estudo do homem em sua totalidade. Sobre essa ampliação de conceito de documentos, Marc Bloch justifica, dizendo que: “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.¹⁶

A partir dessa ampliação de documentos que hoje podemos estudar temas como os ligados a gênero, ao cultural e social como o tema que ora apresento..

Início a pesquisa pensando em como a nossa vida é recheada de estréias. Tudo o que somos e fazemos hoje teve início algum dia. No começo, é normal sentir ansiedade por não saber se aquilo vai dar certo, se vamos nos ajustar, se iremos agradar. Mas não existe nada mais estimulante do que uma novidade, embora já tenham afirmado que “nada é novo debaixo do céu”, é bom quando algo acontece para chacoalhar um pouco a rotina, para alterar o caminho que já sabemos de cor.

As pessoas que vivem intensamente geralmente têm iniciações com frequência. Elas sempre desejam ir mais longe, testar os próprios limites, usar cada minuto para experimentar. Essas pessoas são minoria, pois é complicado sair da zona de conforto. É muito mais fácil viver só de segundas, terceiras e quartas vezes. Mas é necessário dar o primeiro passo para descobrir talentos que a gente nem sabe que possui e passar caminhos que nem sonhava em percorrer, conhecer pessoas que nem imaginava que existissem.

A vida acadêmica é isso, as descobertas, o beber direto da fonte, os debates, os embates, as desconstruções, as construções, emoções, ansiedades e expectativas. Assim é também a pesquisa científica, a escolha do tema, do orientador, dos teóricos com os quais vamos dialogar aqueles com os quais se comunga, aos quais se admira, e quando lidos nos trazem a sensação de intimidade, do “eu queria ter dito isso, dessa forma, desse jeito”.

Com essas sensações e crenças é que percorri o caminho desta pesquisa, tentando compreender os olhares que autores diversos lançaram sobre o tema, o serviço das merendeiras nas escolas, bem como ouvir as profissionais que atuam nessa atividade, e também observá-las em seu local de trabalho, haja vista que os seres humanos são

¹⁶ **BLOCH**, Marc. *A observação histórica*. In: *Apologia da história ou o ofício do historiado*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2001, p. 79.

construtores e consumidores de símbolos, de significados e de representação como afirma Stuart Hall:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.¹⁷

A convivência com as merendeiras nas escolas, por quase três décadas, proporcionou-me aproximação e observação da problemática em questão, que é a invisibilidade dessa função, bem como o não reconhecimento social da mesma.

Minha estratégia foi à utilização da entrevista para compreender não só as dinâmicas das relações sociais, mas também os processos de subjetivação na atividade de merendeira/ Auxiliar de Serviços Gerais (ASG).

É na entrevista que vamos compreendendo o real espaço da escola que nasce da observação e da vivência dessas trabalhadoras no contato corporal e visual com o ambiente e a interação social que ocorre nesse local, bem como a arquitetura, os cheiros, os sons e ruídos, as cores, os nomes e os sentimentos, positivos e negativos vivenciados nessa profissão.

Concebemos a entrevista como um momento de reelaborar a própria experiência e a memória, como recordação e lembrança, e por isso mesmo, passível de transformação, algo dinâmico sujeito à condição presente do indivíduo, revelando a capacidade que possui o ser humano de olhar para trás e, a cada vez, ser capaz de fazê-lo de uma maneira que lhe possibilite estar mais em paz consigo mesmo, ou não, pois as recordações, às vezes podem ser angustiantes.

E, quanto ao processo de conhecimento sobre o trabalho, reiteramos a importância da experiência humana e da prática de refletir sobre a prática através da fala de quem viveu essa história profissional. E ainda cremos que, o que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações é essa possibilidade de a fala ser reveladora das condições de trabalho, estrutura, relações hierárquicas, valores, normas e símbolos. A entrevista é importante por conter a magia de transmitir e deixar transparecer também nas entrelinhas, no não dito, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio - econômicas e culturais determinadas.

¹⁷ HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. DP& A. Rio de Janeiro. 1997. p. 126.

É interessante observá-las em seu trabalho e escutar o que elas têm a dizer sobre o mesmo.

Na coleta de dados, usamos a metodologia da História Oral, e a partir das reflexões de Jorgetânea da Silva Ferreira, podemos reafirmar a grande dimensão dessa metodologia.

Na perspectiva de compreender os modos de vida das trabalhadoras domésticas e o significado que dão às suas experiências, a metodologia utilizada, privilegiou as fontes orais, que foram se constituindo, na trajetória da pesquisa, um diferencial importante. Se de início a utilização da fonte oral visava suprir a escassez de outras fontes, uma vez que há pouca documentação preservada acerca da categoria, no decurso da pesquisa a prática das entrevistas e o aprofundamento das discussões teórico – metodológicas propostas pela área foram mostrando as potencialidades da História oral. Entre elas está a possibilidade de se conhecer e se valorizar as experiências dos grupos que não possuem muitos vestígios de sua presença preservados. A História Oral tem dado uma contribuição fundamental no estudo das tradições populares, das experiências dos trabalhadores, dos Movimentos Sociais, etc.

Um outro aspecto importante é que a História Oral nos permite conhecer os sujeitos da pesquisa, a partir dos significados que estes dão à suas vidas. Trabalhar com História Oral é levar em conta que o relatado, o contado durante a entrevista, é uma rememoração do vivido, reinterpretado a partir das questões que o presente suscita. Assim, o conceito de memória como um campo de lutas, onde algumas lembranças são guardadas e outras não, algumas são relatadas e outras omitidas, foi fundamental. Busquei durante as entrevistas que realizei compreender os significados que os sujeitos deram às suas vidas a partir de suas falas, seus gestos, seus silêncios. Essas atitudes muitas vezes expressavam seus valores, as marcas dos que viveram, marcando o relato de cada entrevistada e também avaliando o papel do historiador no processo de produção das entrevistas, as estratégias de narração dos entrevistados, muitas vezes tão reveladores como o que foi dito.¹⁸

Essas afirmações encontram ressonância nas observações de Paul Thompson acerca da História Oral:

A história oral é construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar a dignidade e a autoconfiança. Propicia o contato – e, pois a compreensão entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que compartilhem das mesmas intenções ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação mais radical do sentido social da história.¹⁹

O campo observação dessa pesquisa foi às várias escolas nas quais trabalhei ao longo de 28 anos, e, durante a pesquisa optei por entrevistar merendeiras de apenas uma

¹⁸ FERREIRA, Jorgetânea da Silva. *Memória, História e Trabalho: Experiências de Trabalhadoras domésticas em Uberlândia – 1970/1999*. São Paulo 2000. p. 38.

¹⁹ THOMPSON, Paul. *A voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1972. p. 44.

escola municipal, da zona oeste de Uberlândia, Escola Municipal Professora Iracy Andrade Junqueira.

Foram realizadas seis entrevistas, escolhi quatro merendeiras que iniciaram o trabalho na instituição Prefeitura Municipal de Uberlândia, antes do primeiro concurso, uma das quais já se aposentou, e duas merendeiras que iniciaram a atividade a menos de cinco anos. Tal escolha deveu-se ao fato de que já as conhecia e inclusive já trabalhei com algumas delas, isso, creio que proporcionou um pouco mais de liberdade, de acolhida, de poder contar com a sinceridade e disponibilidade em participar da pesquisa, embora saibamos muito bem que nem tudo é dito em uma entrevista. Portanto nosso papel de entrevistador é também o de ler nas lacunas, nos silêncios, nas expressões, naquilo que não foi dito, ou naquilo que foi desdito.

Embora eu tenha registrado a data da entrevista com cada merendeira como tendo sido em apenas um dia, essa data se refere ao dia em que realmente sentamos para conversar de maneira sistemática, pois a cada uma delas fiz algumas visitas antes, informalmente, explicando minha pesquisa e trocando idéias sobre a mesma.

As entrevistas ocorreram nas residências das mesmas, um local neutro e tranquilo e com privacidade para longas conversas e em algumas confidências e desabafos.

Aconteceram mais como um bate papo, um ouvir suas histórias, memórias e desabafos, e à medida que sentia necessidade perguntava de forma bem natural sobre os gostos, desgostos, diversões, dons, sonhos, experiências, receitas, esperanças, cardápios. Tudo foi fluindo como um desabafo, como se houvera uma necessidade delas de serem ouvidas, de se sentirem importantes, de perceberem que de alguma forma estavam tendo um pouco de visibilidade.

Eis as entrevistadas por ordem alfabética:

1. **Cristiane de Souza**, 34 anos, mora na Rua do Mecânico, 1.184, Bairro Planalto, Uberlândia- Minas Gerais. Vive com o marido e dois filhos pequenos. Está na atividade de merendeira há quatro anos. Entrevista realizada em 19/04/2012.
2. **Divina Rodrigues Cioqueta**, 53 anos, mora com o esposo em Uberlândia- Minas Gerais, à Rua do Feirante, 362, no bairro Planalto. Está na atividade há vinte e dois anos. Entrevista feita em 05/03/2012.
3. **Júlia Maria de Jesus Oliveira**, 56 anos, hoje aposentada, trabalhou na Prefeitura Municipal de Uberlândia, na atividade de merendeira, por trinta anos, de 1980 a 2010. Vive com o marido e uma filha solteira á

Rua do Fazendeiro, 442, no bairro Santo Inácio na cidade de Uberlândia- Minas Gerais. Entrevista realizada em 17/01/2012.

4. **Maria Helena da Silva**, 53 anos, merendeira há dezenove anos, mora em Uberlândia- Minas Gerais, com o esposo, à rua da costureira, 142, bairro Planalto. Entrevista feita em 22/04/2012.
5. **Roselena Gomes de Oliveira**, 40 anos, há cinco anos na atividade de merendeira, contratada, vive em Uberlândia – Minas Gerais, à Rua do Mecânico 1126, com o marido, um filho pequeno, os sogros e a cunhada. Entrevista feita em 15/04/2012.
6. **Valdete Alves Barbosa Silva**, 54 anos, prestes a se aposentar, há vinte e nove anos na função de merendeira, vive com o filho solteiro á Rua Edmundo Munir Arantes 456, no Bairro Planalto. Entrevista realizada em 08/12/2012.

Este trabalho é dividido em: Introdução, Capítulos I e II, e Considerações Finais.

Na introdução apresentamos o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e a metodologia.

No primeiro capítulo, buscamos dialogar com aqueles estudiosos que já percorreram o caminho, pesquisadores que já estudaram o tema abordado , como as questões de gênero como também, a própria prática da atividade de cozinheira escolar, merendeira.

No segundo capítulo, tentamos através dos relatos obtidos por meio das entrevistas com as merendeiras compreender os caminhos e descaminhos dessa atividade, rica e essencial para o fazer educacional.

Nas considerações finais contamos um pouco das nossas descobertas e das muitas perguntas que surgiram ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO UM

MERENDEIRAS, GÊNERO, TRABALHO E PERSPECTIVAS

*Merendinha, merendinha
Não precisa de sacola
Merendinha, merendinha
Está pronta na escola*

*Lá em casa acabou a luta
De ouvir mamãe dizer
Amanhã não sei que faço
Pra merenda de você*

*Merendinha, merendinha
Não precisa de sacola
Merendinha, merendinha
Está pronta na escola*

Terezinha Menezes Costa²⁰

1.1 - TRAJETÓRIAS E INFLUÊNCIAS

Minha intenção nesta pesquisa, como já afirmei anteriormente, refletir acerca da atividade da merendeira escolar da rede municipal de ensino de Uberlândia, Minas Gerais, no período de 1991, data do primeiro concurso para provimentos e cargos inerentes a essa atividade, utilizando além da historiografia referente ao tema, também as evidências orais como recurso imprescindível na reconstituição das práticas e representações culturais e sociais relativas ao fazer dessas trabalhadoras.

Da interlocução entre historiadores que têm usado ou se vêm na eminência de usarem a história oral em suas pesquisas, para a produção do conhecimento histórico, muitas dúvidas e dificuldades de caráter metodológico têm surgido, e comigo não foi diferente. Busquei em vários autores, estudiosos dessa historiografia, apoio e direcionamento para um trabalho acadêmico, sério e respeitoso no qual a memória fosse uma possibilidade para trabalhar conceitos de transformações e persistências nas representações e práticas da merendeira escolar.

²⁰ **COSTA**, Terezinha Menezes (04.10.1929 – 03.10.2008). Professora na Zona Rural nas décadas de 1960/1970, onde ensinava em um galpão de sua casa, para seus filhos e os filhos dos vizinhos, em classe multisseriada, da alfabetização a 4ª série. Era paga pelo município, e para além da função de professora era também responsável pela confecção da merenda. Ela ficou tão encantada com o programa de alimentação escolar e com a possibilidade de poder oferecer a merenda a seus alunos, que compôs a música “Merendinha”, citada no início deste capítulo. Em visita à fazenda eu já me encantava com o carinho e dedicação daquela professora, aqueles gestos de dedicação e carinho fazem parte de minhas melhores memórias.

Considerarei a argumentação de Maria Clara Machado que vê como ponto positivo na história oral, mais que rememorar um tempo através da lembrança, a possibilidade de recuperar a voz de sujeitos históricos e sociais desprivilegiados da cena histórica e reafirma a importância do papel do historiador.

O papel do historiador em se tratando das fontes orais é de responsabilidade na co-produção de um documento, o que faz dele não apenas o “olho clínico” que analisa e interpreta, mas aquele que, sujeito de seu tempo, também produz, desvenda e “mistérios” aparentemente insolúveis.²¹

A escola, como qualquer instituição, funciona como um organismo: para que tudo ande perfeitamente e os objetivos sejam atingidos, cada parte precisa executar bem as respectivas funções. A merendeira, como funcionária dos serviços de apoio participa do processo educacional, dando o suporte necessário para que a aprendizagem aconteça.

As merendeiras atuam em equipe, sendo responsáveis pela limpeza, pela manipulação, preparação e distribuição de alimentos. A higiene ambiental facilita a tarefa pedagógica e deixa os alunos mais confortáveis para aprender.

Apesar da grande importância dessa atividade, a prática e as representações da merendeira escolar ainda é um tema pouco abordado no que se refere à compreensão e *disciplinarização* do trabalho e o papel social que representa. Pouca gente tem atentado para estas questões.

A produção historiográfica local não possui referência de pesquisas na área de história sobre merendeiras. Na historiografia geral, os poucos trabalhos que tive acesso, (dissertação, monografias, relatórios) tratavam mais da questão da saúde – problemas de readaptação. Deparei com a dificuldade de fontes, enquanto trabalhos que discutissem questões referentes ao trabalho dessas profissionais nas escolas. Porém, timidamente foram surgindo excelentes trabalhos com os quais me proponho dialogar.

Ao iniciar essa pesquisa faz-se necessário buscar o histórico da merenda escolar no Brasil e também da atividade de cozinheira escolar/merendeira. Márcia Cristina Stolarsky, nos leva a percorrer os caminhos da alimentação escolar no Brasil:

²¹ TOMAZ, Maria Clara Machado. *História Oral: uma co-produção responsável*. In: *Caderno espaço feminino/ Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*. Universidade Federal de Uberlândia. Vol. 3. Número ½. Ano III. 1993. p. 28.

Até a década de 50 não havia no país um fornecimento regular da alimentação escolar. Neste período, havia a organização particular das escolas, por iniciativas das caixas escolares, do fornecimento de alimentação à totalidade dos alunos, ou aos mais carentes, conforme a necessidade e ou disponibilidade de recursos. A caixa escolar era mantida por contribuição voluntária de empresas locais e dos alunos em condição de contribuir. Este atendimento efetivado através das caixas apresentava uma visão assistencialista; uma vez que se utilizava a expressão “aluno da caixa”. Na década de 50, foi redigido o documento denominado Conjuntura Alimentar e o Problema da Nutrição no Brasil, em que se apresentou, pela primeira vez, a estrutura de um programa de alimentação escolar, sob a responsabilidade do governo federal com abrangência nacional. Do plano original, apenas o Programa de Alimentação Escolar evoluiu, com financiamento do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), atualmente United Nations International Children Emergency Fund (UNICEF). Neste período havia a distribuição do excedente de leite em pó. “[...]A formalização deste atendimento, no entanto, só ocorreu em 31 de março de 1955, através do decreto nº 37.106 (BRASIL, 1955) onde foi instituída a Campanha Nacional de Alimentação Escolar (CNAE), posteriormente alterado pelo Decreto nº 40.052 (BRASIL, 1956), quando ocorreu a criação da Campanha da Merenda Escolar (CME), sob a responsabilidade da Comissão Nacional de Alimentos (CNA). Desta forma, em 1955, o mais antigo programa de suplementação alimentar do País ganhou abrangência nacional. Ainda em 1955, instalaram-se as representações regionais do CNA nos estados.”²²

O programa de alimentação escolar, atualmente é denominado Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, e gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação FNDE, onde estão envolvidos a União, os Estados e os Municípios.

O PNAE, implantado em 1955, garante a alimentação escolar dos alunos da educação infantil (creches e pré-escola), do ensino fundamental e médio, inclusive das escolas indígenas. Seu objetivo é atender as necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, contribuindo para o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem e o rendimento escolar dos estudantes, bem como a formação de hábitos alimentares saudáveis.

Há que lembrar que o custo da merenda por aluno é subsidiado pelo governo federal, porém o governo municipal completa com o valor que achar adequado, de acordo com a qualidade da refeição que pretende oferecer.

O Ministério da Educação, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, garante a transferência de recursos financeiros para subsidiar a alimentação escolar de todos os alunos da educação básica de escolas públicas e filantrópicas. O repasse é feito diretamente aos estados e municípios com base no censo escolar realizado no ano anterior ao do atendimento.

²² **STORLASKY**, Márcia Cristina. Caminhos da Alimentação Escolar no Brasil; análise de uma política pública no período de 2003-2004. Dissertação de mestrado. Universidade federal do Paraná. 2005. p. 64.

Em 14 de maio de 2012, foi publicada resolução do FNDE, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que alterou os valores de repasse por aluno atendido pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar, o PNAE. O último reajuste havia sido feito em dezembro de 2009. Segundo o decreto, a partir de junho do mesmo ano, ou seja, 2012, o valor per capita, valor diário, por aluno matriculado na pré-escola, passaria de R\$ 0,30 para 0,50 e, por aluno atendido em creches, de R\$ 0,60 para R\$ 1,00 (aumento de 67%). Os demais valores por aluno atendidos pelo Programa Mais Educação permanecem inalterados (R\$ 0,30 para os alunos do ensino fundamental e médio, e também para os alunos da educação de adultos (EJA); para a educação básica de indígenas continuou R\$ 0,60, bem como permaneceu R\$ 0,90 para a educação dos quilombolas.

A Resolução número 08 de 14 de maio de 2012, que alterou os valores per capita da educação infantil no âmbito do PNAE, foi assinada pelo presidente do Conselho Deliberativo do FNDE, na época Aloísio Mercadante, com a justificativa de que a merenda escolar é prioridade para o desenvolvimento da rede de educação infantil em todo o território nacional.

Em Uberlândia, Minas Gerais, o Programa Municipal da Alimentação Escolar, o PMAE, foi criado após a descentralização da “Merenda Escolar”, isto é, deixar de receber os alimentos que compunham a alimentação escolar da Secretaria do Estado da Educação. Entre os anos de 1986 e 1987 foi montada a equipe que prestaria serviços ao PMAE. O quadro foi composto de um coordenador, um nutricionista, equipe administrativa, supervisores, armazenagem e distribuição. Esta equipe, lotada na Secretaria Municipal de Educação, também atendia as escolas estaduais até o ano de 1996, após este período estas escolas começaram receber o dinheiro direto na unidade escolar.

O histórico da atividade de merendeira, o encontramos atrelado às funções das professoras, pois foram elas, as professoras, as primeiras cozinheiras escolares, eram elas que preparavam a merenda.

Fúlvia Rosemberg, em *Educação e Gênero no Brasil*, faz uma análise dos temas nas décadas de 70 a 90, e aborda a questão das professoras leigas que atuavam nas zonas rurais:

Muitas professoras rurais não dispõem de uma escola ou sala especialmente destinadas a lecionar. Trabalham como professoras do sistema público de ensino em sua própria casa. São as “escolas nas casas das professoras”. Como na indústria, são trabalhadoras a domicílio. Enfrentam as piores condições de trabalho, recebendo os piores salários.

Muitas professoras rurais lecionam, também, em classes multisseriadas. Uma única professora, em espaço inadequado, dispondo de quase nenhum material pedagógico e de equipamentos insuficientes, ensina a um grupo de crianças em idades variadas e tendo atingido níveis escolares diversos, podendo variar da 1ª a 4ª série.²³

Essas professoras para além das atribuições pedagógicas, eram também responsáveis pela confecção dos alimentos.

Em Uberlândia somente na década de 1970 é que a Secretaria Municipal de Uberlândia contratou as primeiras merendeiras para as escolas e creches municipais.

Bernadete Nunes de Oliveira, em sua pesquisa, sobre o tema merendeiras, em um viés saúde pública, iniciou sua pesquisa tentando compreender a dinâmica das relações sociais. Seu objeto de estudo, o *trabalho de merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*, buscou contribuir para o aumento da capacidade de ação de trabalho, na medida em que procurou evidenciar e explicar sistematicamente um problema ressentido no ambiente de trabalho. Para isso ela pensa a dimensão coletiva do trabalho e afirma que:

Quando a organização do trabalho é fonte de exigências rígidas e estáveis, às quais estão expostos os trabalhadores, inviabiliza a construção de defesas e deixa aos trabalhadores a alternativa única de adaptar-se ao trabalho, que passa a ser apenas fontes de pressões patogênicas e meio de sobrevivência. O trabalho, entretanto, também pode levar a uma vivência de prazer, pois as pessoas diferenciam-se na forma como vivenciam as situações de trabalho, sendo a história de vida um fator importante na elaboração de sistemas defensivos. Ele pode representar a possibilidade de o trabalhador afirmar-se e construir novas normas, de defender-se.²⁴

Um exemplo de quem vivenciou essa atividade de merendeira com prazer foi a Júlia,²⁵ que aposentada há dois anos nos proporciona o olhar de quem viveu intensamente o processo e agora pode avaliar com a calma que a distância permite. Essa distância é fundamental para uma melhor compreensão dos cheiros e ruídos, dos verdadeiros significados, das relações, das cicatrizes e das doces lembranças.

Eu trabalhei por trinta e um anos de merendeira nas escolas da prefeitura aqui de Uberlândia. Faz dois anos que aposentei, ainda sinto saudades, sinto falta das colegas e das crianças, do trabalho não (risos). Antes eu gostava muito do trabalho também, mas a idade vai chegando, a gente vai cansando, no meu caso os joelhos gastaram e doem muito, até fiz cirurgia em um deles. Foi ficando tudo difícil, mas agüentei os trinta anos, porque eu gostava muito do que eu fazia. Isso da gente gostar do serviço dá força gente ir trabalhar todo dia.

²³ ROSEMBERG, Fúlvia. *Enfoques e abordagens. Educação e gênero no Brasil*. Projeto História. Mulher & Educação. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) n. 11, Nov./94, p. 12.

²⁴ NUNES, Bernadete Oliveira. *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. 2000. p. 4.

²⁵ JÚLIA, entrevista em 17/01/2012.

Júlia concorda que a atividade de merendeira é um trabalho de cuidado, com a higiene do ambiente, com o preparo da alimentação e com as pessoas que precisam de ajuda e atenção. Ela afirma que encontrou na atividade de merendeira/ Auxiliar de Serviços Gerais (ASG), mais pontos positivos que negativos.

No serviço doméstico, que eu trabalhei quando era mais nova, a gente era sozinha pra fazer de tudo numa casa, eu me sentia muito sozinha, tinha de fazer tudo, decidir tudo sozinha. Não tinha com quem conversar de igual pra igual, desabafar, não tinha com quem dividir o trabalho. Na escola não, é muita gente pra relacionar, pra conviver. É claro que tem problemas de convivência, mas mesmo assim eu gostava muito de trabalhar com muita gente. A gente ajudava e era ajudada. Agora, isso do trabalho da gente não ser reconhecido, e da gente se sentir explorada em casa também acontece. Trabalho de mulher, essas coisas, de limpar e cozinhar é difícil ter quem reconheça.²⁶

Ao mesmo tempo, que afirma a invisibilidade do trabalho da mulher, percebe-se em sua fala uma aceitação de seu papel de mulher, como se essa situação fosse deveras natural. Enumera também as diferenças entre o trabalho doméstico e a atividade de merendeira escolar, reconhecendo que no último, além da vantagem de trabalhar em equipe e poder dividir as tarefas, a chefia não está tão perto, a cobrança é menor e a confiança na maioria das vezes é maior.

Explica que a administração da escola na pessoa da diretora, faz uma reunião no início de cada mês com a equipe de merendeiras e divide as tarefas, aceitando sugestões, ouvindo reclamações e fazendo os devidos ajustes nos cronogramas. Então, segundo ela, é cada uma por si, no sentido da responsabilidade com as tarefas destinadas a cada uma, cada qual com seu compromisso do mês. Só há cobrança quando algum deslize acontece e é notado pelo próprio grupo ou pela chefia. Já no trabalho doméstico a funcionária está muito próxima da patroa que vê e cobra detalhes mínimos referentes a limpeza e arrumação, ainda paga bem menos e explora mais. Lembra que no trabalho doméstico por conta da proximidade as relações de convivência são mais difíceis.

Júlia revela seu amor pela cozinha, pela preparação dos alimentos, em pensar um cardápio que agrada a maioria das crianças. Ela fala ato de cozinhar como um ritual quase sagrado, o que nos lembra a afirmação de Jorgetânea da Silva Ferreira:

Cozinhar não consiste apenas na preparação dos alimentos e, sim, em conjunto de atividades que se combinam para que o alimento possa estar pronto para ser consumido. A preparação dos alimentos e as outras tarefas que a ela se associam são variáveis no tempo, no espaço e na cultura.²⁷

²⁶ **JULIA**, entrevista em 17/01/2012.

²⁷ **FERREIRA**, Jorgetânea da Silva. *Memórias De Mulheres: transformações e conflitos na cozinha. In: Educação popular em tempos de inclusão: pesquisa e intervenção*. SANTOS, Benerval Pinheiro, Gercina Santana Novais, Lazara Cristina da Silva (Organizadores). Uberlândia. EDUFU. 2011. p. 108.

A referida autora, atenta ainda para o fato de que o processo de industrialização tornou mais fácil a preparação de certos alimentos. Porém, é preciso também apontar que essas alterações nesse modo de vida, que tinha na casa, e, acrescento, nas escolas, um local não só de preparação, mas de produção da maioria dos alimentos, necessários a manutenção das pessoas, como hortaliças, pomares criação de aves, alterou também o modo de cozinhar, bem como a relação com a cozinha e com os alimentos.

Pensando em todas as mudanças sociais e tecnológicas pelas quais passamos nas últimas décadas, a maioria das entrevistadas, como Júlia, também estão contentes com a profissão escolhida. Elas vêm a cozinha ainda como coisa de mulher.

1.2 – GÊNERO E HISTORIOGRAFIA

Sabemos que a conquista dos mais elementares requisitos de cidadania pelas mulheres é o resultado de árduas e longas lutas, que aos poucos e de forma seletiva, foram colocando franquias ao seu alcance.

Historicamente onde há opressão há resistência. No que se refere às conquistas das mulheres não é diferente: elas foram obtidas como resultado dos questionamentos e lutas de mulheres no Brasil e em outros países. Há mais tempo do que se imagina, as mulheres lutam contra as diversas formas de violência, preconceito, segregação e cadastramento, através de resistências e questionamentos dos códigos e práticas impostos pela sociedade. Para a historiadora Maria Izilda Matos²⁸:

A expansão dos estudos que incorporam a mulher e a abordagem de gênero na história localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a história nos últimos tempos. Sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história, que requeria uma completa revisão dos seus instrumentos de pesquisa. Essa crise de identidade da história levou à procura de “outras histórias”, o que levou a uma ampliação do saber histórico e possibilitou uma abertura para a descoberta das mulheres e do gênero.²⁹

Para a pesquisadora Guacira Lopes Louro, há diferentes construções de gênero numa dada sociedade em contextos diferentes, assim sendo gênero tem história, portanto o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente:

²⁸ **MATOS**, Maria Izilda, professora Dr^a. Associada do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica – SP e Coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher – NEM – PUC/SP.

²⁹ **MATOS**, Maria Izilda. *História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas*. In: ESPAÇO FEMININO, v. 3. 1998. p. 48.

Repetidas vezes já se afirmou que o conceito de gênero pretende enfatizar a construção *social* dos sexos. Sabemos mesmo que o uso do conceito teve, inicialmente, entre outras motivações, a preocupação de acentuar o caráter social como uma resposta, como um contraponto às interpretações biologistas, que viam na diferença sexual um determinante das posições sociais hierarquicamente diferentes de homens e mulheres. Não podemos esquecer que um amplo leque de estudiosos atribui às características biológicas os tradicionais arranjos sociais dos gêneros, ou seja, a delegação aos homens das atividades públicas, da administração e da política, e às mulheres, das atividades privadas, do cuidado e educação das crianças, dos serviços domésticos e de manutenção familiar. Em outras palavras, a supremacia social masculina e a subordinação feminina são explicadas como sendo de algum modo inevitáveis, ou, por alguns intérpretes, como preferíveis.³⁰

Portanto, o gênero e a classe não é uma categoria pronta e estática, mas são dinâmicas, são construídas e portanto passíveis de transformações. Há que se lembrar que os sujeitos são ativos, ou seja, recebem e respondem às determinações e contradições da sociedade.

Quando falamos em gênero, referimo-nos à construção social de identidades feminina e masculina e à forma da relação social que se estabelece entre mulheres e homens, entre mulheres entre si e homens entre si. Matos, afirma que:

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que constituíram-se social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.³¹

Maria Izilda Matos faz um balanço sobre a historiografia que discorre sobre gênero e a temática feminina a partir dos anos 60. Mostra a visibilidade da mulher a partir dos anos 70 na sociedade e na academia:

A presença das mulheres nos escritos acadêmicos vem crescendo, especialmente, a partir do segundo pós-guerra, em função de um conjunto de fatores que tem dado visibilidade às mulheres, mediante sua conquista de novos espaços. Um primeiro fator seria a maior presença feminina no mercado de trabalho, inclusive nas universidades, conjugada à expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade, numa conquista do espaço público que derivou da afirmação dos movimentos feministas.

Somaram-se a essa luta outros canais de participação da mulher, sobretudo na forma dos movimentos por melhores condições de vida que ocuparam o espaço político a partir da segunda metade da década de 70. Nos âmbitos dos bairros, creches, escolas e principalmente nas igrejas a presença feminina foi marcante, reivindicando condições de saúde, educação, saneamento básico, habitação, além da luta pela anistia. Pode-se dizer, que foi na década de 70 que as mulheres entraram em cena e

³⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero*. PROJETO HISTÓRIA: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo-SP – Brasil. 1994, p. 36.

³¹ MATOS, Maria Izilda. *História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas*. In: ESPAÇO FEMININO, v. 3. 1998. p 43.

se tornaram visíveis na sociedade. Nesse momento elas foram descobertas como objeto de estudo, suas experiências, vidas e expectativas nas sociedades passadas. Acontecia também a descoberta do político no âmbito cotidiano, o que levou também a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos. Assim, a expressão dos estudos sobre a mulher vinculou-se a uma redefinição do político, frente ao deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano.³²

A produção historiográfica brasileira sobre as mulheres nos anos 80 apresenta várias abordagens, que analisam aspectos diferenciados da questão. No âmbito da temática do trabalho feminino, procurou resgatar as múltiplas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres no cotidiano, bem como sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos para encontrar brechas através das quais pudessem se expressar ou, ao menos, sobreviver.

Procurou-se reconstruir a estrutura ocupacional feminina num meio urbano através do exercício de papéis improvisados destacando e descobrindo sua presença constante na inserção no espaço público, onde as atividades femininas adquirem importância. A maior parte desses trabalhos privilegiou o período colonial e os anos iniciais do século XIX, localizando a mulher no espaço urbano, em sua luta para colaborar na manutenção da casa. Quando não, provendo sozinha, o próprio sustento, e o da família.

Para Michelle Perrot:

A questão do trabalho feminino constitui um front pioneiro da pesquisa sobre as mulheres. Foi também um dos fronts em que foram questionadas as fronteiras tradicionais, sobretudo com a sociologia da família. Com relação às mulheres, o status matrimonial, primordial, condiciona a relação com o mercado de trabalho, ao menos a partir do momento em que a industrialização separa cada vez mais radicalmente o domicílio e local da produção assalariada.³³

Há que se lembrar que o trabalho fora do lar das camadas populares já acontecia no final do século XIX no Brasil, na mão-de-obra fabril e na prestação de serviços. E antes disso, a mulher sempre trabalhou fora, apenas uma pequena parcela é que só trabalhava em casa.

As negras trabalhavam como escravas, como negras de aluguel e como vendedoras ambulantes quando circulavam pelos espaços públicos.

³² MATOS, Maria Izilda. *História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas*. In: ESPAÇO FEMININO, v. 3. 1998. p 39.

³³ PERROT, Michelle. *As Mulheres ou Silêncios da História*. Tradução: Viviane Ribeiro. EDUSC. Bauru, São Paulo. 2005. p 149.

Portanto, as mulheres, já ocupavam outros espaços informais de trabalho como evidencia a significativa presença de mulheres pobres, exercendo atividades comerciais nas ruas da cidade de São Paulo desde os finais do século XVIII.³⁴

Já para as mulheres que tinham um círculo traçado em torno delas, com pai ou marido, e provindas de uma classe abastada, tiveram que abrir caminho, quebrar esse cerco. Perrot fala também dessas lutas, das tentativas de rompimento os quais iniciaram ainda no século XIX e aponta a divisão e organização de papéis nesse período:

As mulheres souberam apossar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados, para desenvolver sua influência junto às portas do poder. Elas encontram ali contornos de uma cultura, matriz de uma consciência de gênero. Elas tentaram também sair deles, para ter enfim lugar em toda a parte. Sair fisicamente: deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares proibidos- um café, um comício – viajar. Sair moralmente dos papéis designados, construir uma opinião, passar da sujeição à independência: o que pode ser feito no público assim como no privado.³⁵

Lembrando também que as mulheres moradoras de zonas rurais além de seu trabalho em casa, cuidavam dos animais e do roçado, faziam artesanato como painéis de barro, produção de farinha, polvilho e sabão, e os excedentes das necessidades de seus familiares eram vendidos nas feiras, comércios ou de porta em porta contribuindo financeiramente com as despesas e com o sustento da família.

As mulheres, quase sempre consideraram o trabalho realizado fora de casa, bem como esses trabalhos eram considerados pela sociedade, como uma extensão do seu papel de mãe. Elas concentraram em atividades tipicamente femininas como serviço doméstico, professora e enfermeira e também na indústria como embaladoras, montadoras, costureiras, funções que exigiam habilidade manual, coordenação motora fina e paciência, características tidas como femininas. As habilidades para exercerem essas profissões foram desenvolvidas no processo de educação das meninas pela família e sociedade, não são características inatas, porque foram treinadas para desempenhar tal papel, portanto são exigências culturais e não características naturais.

Sobre isso, Carla Bassanezi Pinsky, afirma que na primeira metade do século XX, não havia dúvidas quanto ao papel da mulher na sociedade e sua “natureza feminina”, assim:

A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, “a filha”, uma senhora casada, “a esposa”. A dedicação ao lar, decorrência óbvia e inescapável, fazia do papel de “dona de casa”, parte integrante das atribuições naturais da mulher.

³⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo. Brasiliense, 1984 p. 84.

³⁵ PERROT, Michelle. *As Mulheres ou Silêncios da História*. Tradução: Viviane Ribeiro. EDUSC. Bauru, São Paulo. 2005. p.280:

Ainda em termos ideais, a masculinidade era associada à força, racionalidade e coragem, enquanto eram “características femininas” o instinto maternal, a fragilidade e a dependência.³⁶

A mesma autora, Pinsky, ainda sobre o trabalho de mulher, lembra que as oposições sociais diminuía quando, para a mulher, abraçar uma profissão honesta era uma necessidade econômica e cresciam quando os argumentos incluíam realização pessoal e independência.

Entre as normalistas, por exemplo, havia as atraídas pelo magistério como uma alternativa para além das tradicionais atribuições femininas. Porém, mesmo estas estavam sujeitas às imposições de todo o tipo (censuras e auto-censuras, contenção de gestos e expressões) para que sua profissionalização não comprometesse sua feminilidade e para que elas pudessem servir de exemplo moral para alunos e alunas, que têm na professora uma “mãe espiritual”.

Caso vencessem as dificuldades econômicas e os preconceitos ao optar por uma carreira profissional e dedicar-se aos estudos necessários à sua formação, mulheres privilegiadas que se formavam em Medicina, Direito, Biologia ou se tornavam pianistas ou pintoras, por exemplo, enfrentavam outros tantos obstáculos no momento de exercer a profissão. Além das corajosas pioneiras ou rebeldes de visão, apenas as feministas pareciam, na época, encontrar benefícios no trabalho profissional, qualificado, exaltando a “mulher ativa profissionalmente” como uma pessoa “socialmente relevante para a pátria e a família.”³⁷

Para além das questões de gênero, devemos observar também o social, o político e o cotidiano das trabalhadoras as quais são preocupações desta pesquisa.

Para Antônio de Almeida, a vida do trabalhador não se resume no trabalho e para o trabalho, não existe apenas o “chão da fábrica”, portanto, há que se preocupar não só com o tempo de trabalho, mas também com o tempo de vida desses sujeitos sociais. Afirmando que:

Introduzir o cotidiano nos estudos da classe trabalhadora, não é estar à procura do superficial, do anedótico, do ilustrativo, nem essa postura pode ser confundida com a produção com a produção de certos escritos históricos suaves, facilmente aceitos no mercado consumidor para serem degustados nos intervalos dos programas de televisão. Pelo contrário, adotar essa medida num processo de investigação é reconhecer a importância da vivência cotidiana no processo de constituição da própria classe trabalhadora; é desmistificar determinadas visões teleológicas que atribuem a segmentos específico, que atuam em espaços singulares, o papel desempregados, os marginalizados, os excluídos, enfim, todos os homens, mulheres, crianças, jovens e idosos que compõem a classe trabalhadora.³⁸

³⁶ PINSKY, Carla Bssanezzi. *A Era dos modelos rígidos*. IN: *Nova História das Mulheres*. PINSKY, Carla Bassanezi, Joana Maria Prado (Organização). São Paulo. Contexto. 2012. p 471.

³⁷ Idem, p.504.

³⁸ ALMEIDA, Antônio de. *Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*. Uberlândia. EDUFU. 2008. p 93-94.

Segundo o mesmo autor, é necessário que evitemos o equívoco de trabalhar apenas um das concepções teóricas, ou seja, o cotidiano de maneira autônoma ou até mesmo em oposição ao local de trabalho, pois os espaços são complementares.

Daí, a importância, nos estudos históricos relacionados aos trabalhadores, de se compreender como as suas experiências, vivenciadas concretamente em seus diversos espaços, são trabalhadas, decodificadas, assimiladas e incorporadas nas tradições e nos sistemas de valores e como, a partir de então, se estabelecem os mecanismos de resistência ou acomodação em relação às práticas de dominação.³⁹

1.3 – COTIDIANO, TRABALHO E VIDA PRIVADA

Agnes Heller confirma a necessidade de observarmos o trabalhador em sua cotidianidade, pois, crê que o homem já nasce inserido na mesma, e mais, a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico:

A vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.⁴⁰

Para a referida autora, a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, coloca em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. Assim sendo, o homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade.

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação

³⁹ ALMEIDA, Antônio de. *Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*. Uberlândia. EDUFU. 2008. p. 95.

⁴⁰ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Paz e Terra. São Paulo. 1992. p. 17.

Cristiane,⁴¹ fala do local de trabalho, como um lugar de experiências ricas, de convivências agradáveis e desagradáveis, como em todo e qualquer espaço, pois conforme a mesma “cada um pensa de um jeito, cada um age de um jeito”:

Nesses três anos que estou trabalhando como Auxiliar de serviços Gerais, o famoso ASG, nome que só aparece no holerite, no contra cheque, pois todo mundo fala mesmo é merendeira, e é o que gente é mesmo, merendeira de escola. Então, nesse tempo todo como efetiva, pois passei no concurso, nunca vi ninguém reivindicar nada. Não tem organização de luta, de buscar os direitos. Eu sempre fui chamada de bocuda, de chata, por tentar procurar meus direitos. Mas nem conheço ninguém do Sindicato,⁴² eles só cobram da gente, desconta todo mês, mas não faz nada.

Eu gosto de trabalhar na escola e para o município, porque a gente não ganha tão mal e tem muitas vantagens em relação aos outros serviços. Eu trabalhei muitos anos de doméstica, mas era muito explorada, agora com essa nova lei que saiu, parece que vai melhorar muito para quem trabalha nesse setor.⁴³

Meus dois últimos empregos, foram 4 anos como operadora de caixa em supermercado, aí é que exploração, trabalha sábado, domingo e feriado e ganha menos que merendeira. Trabalhei depois em uma empresa como auxiliar de produção por dois anos, nesse eu fui mandada embora por defender minha classe (risos), mas aí eu já tinha passado no concurso pra ASG e logo fui chamada, graças a Deus.

Sabe essa coisa antiga de que uma andorinha só não faz verão, então eu estou cansando de ouvir colega reclamar e na hora de falar só eu falo, não tenho apoio e fico como chata, e me queimo diante da administração da escola. Não sei por que ninguém luta, se é por desinformação, já que a maioria tem pouca instrução ou é mesmo comodismo, medo de perder o emprego. A verdade é que a conformação é o caminho mais fácil, já a rebeldia, a luta, pode ser mais difícil.

As reivindicações de Cristiane é que exista um diferencial para quem trabalha como Auxiliar de serviços Gerais em escolas, já que interagem com crianças e participam do processo pedagógico. A mesma se ressentida de não haver apoio do sindicato e união do grupo de merendeiras para essa luta. E mais, crê que há pouco profissionalismo nas relações entre funcionários e chefia, pois o que se procura é ser simpático sempre, por medo ou por querer ter vantagens pessoais.

Alexandre Vidal Porto, em seu artigo, *Simpatia não é tudo na vida*, afirma que, no afã de sermos “cordiais”, toleramos o intolerável e aceitamos o inaceitável só para não parecermos chatos, porém:

⁴¹ **CRISTIANE.** Entrevista realizada em 20/04/2012

⁴² Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Uberlândia- SINTRASP. Rua Professor Euler Lemes, 789-CEP: 38408200, Santa Mônica – Uberlândia – MG. Fone 34 – 3214 3223.

⁴³ A lei que Cristiane se refere é a PEC 478/10 de 02 de abril de 2013 que assegura direitos aos empregados domésticos: babás, faxineiros, cozinheiros, motoristas e cuidadores de crianças e idosos. Os direitos gerais garantidos são: indenização em caso de despedida sem justa causa; seguro-desemprego; garantia de salário mínimo; FGTS obrigatório; adicional noturno; proteção ao salário sendo crime a retenção dolosa do pagamento; salário- família; jornada de 8 h diárias, 44 h semanais; hora-extra; auxílio creche e pré-escola para filhos até 5 anos; observância de normas de higiene, saúde e segurança do trabalho; seguro contra acidentes de trabalho; reconhecimento de acordos e convenções coletivas; proibição de trabalho noturno ou perigoso a menores de 16 anos e proibição de discriminação de salário, de função e de critério de admissão.

O aperfeiçoamento das sociedades democráticas exige a pressão política do povo. Do contrário, degradingola. Democracia é bom, mas dá trabalho. Não é algo que se possa abandonar nas mãos de Deus.

O povo brasileiro tem a obrigação de manifestar à classe política sua indignação e seu inconformismo. Os políticos funcionam sob pressão. A expressão da opinião pública é mais poderosa do que parece.⁴⁴

Sobre relações humanas, são pertinentes as reflexões de Ferreira Gullar, poeta e escritor brasileiro, a respeito de cultura, quando afirma que homem é um ser cultural, pois nasceu incompleto tanto no plano material como no plano intelectual, e, por essa razão, teve de inventar-se e sua tese: inventar o mundo em que vive. E, em busca de sua completude, por ser ele apenas valores, tem que afirmá-los perante o outro e obter dele sua aceitação. Se o outro não os aceita, sente-se negado em sua própria existência. Daí por que, a tendência em certos casos, é levá-los a aceitá-los por bem ou por mal.

Essa ideia de que o homem é, sobretudo, um ser cultural, não deve ser entendida como uma visão idealizada e otimista, pelo simples fato de que isso o distingue dos outros seres naturais.

Se somos seres culturais, se pensamos, e com nosso pensamento inventamos os valores que constituem a nossa humanidade, diferimos dos outros animais, que se atêm a sua animalidade e agem conforme suas necessidades vitais imediatas. Daí por que, a tendência em certos casos, é levá-los a aceitá-los por bem ou por mal. Assim, ele justifica:

[...] Assim, o homem, construiu, ao longo da história, uma realidade cultural inventada, que alcança hoje uma complexidade extraordinária e fascinante. O homem deixou de viver na natureza para viver na cidade que foi criada por ele. Mas, o fato mesmo de se inventar como ser cultural criou-lhe graves problemas, nascidos, em grande parte, daqueles valores culturais. É que, por serem inventados, variam de uma comunidade humana para outra, gerando muitas vezes conflitos insuperáveis. As diversas concepções filosóficas, religiosas, estéticas e políticas podem levar os homens a divergências insuperáveis e até mesmo a conflitos mortais.⁴⁵

Creemos que verdadeiramente, os seres humanos são construtores e consumidores de símbolos, de significados e de representação e comungamos com as afirmações de Stuart Hall:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua

⁴⁴ **PORTO**, Alexandre Vidal. *Simpatia não é tudo na vida*. FOLHA DE S. PAULO. Caderno Mundo. Sábado, 27 de abril de 2013.

⁴⁵ **GULLAR**, Ferreira. *Cultura e terror*. E12 ilustrada. Domingo, 28 de abril de 2013. FOLHA DE S.PAULO.

conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.⁴⁶

Isso me faz pensar como é comum fazermos coisas sem perceber seu real significado, simplesmente por agirmos, de acordo com valores e preceitos que nos foram ensinados, e que são repassados às gerações há séculos, sem que as pessoas se dêem conta da injustiça e da opressão que eles impõem a todos nós.

⁴⁶ **HALL**, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. DP& A. Rio de Janeiro. 1997. pg 126.

CAPÍTULO II

NECESSÁRIOS RASTROS INDICIÁRIOS

*Esses papéis do passado que guardo numa caixa
são meu zoológico particular,
ali estão trancadas feras de tamanho reduzido:
lagartos, ratos, serpentes de pele fria.
Basta abrir a tampa para vê-los moverem-se,
minúsculos como minúsculas placas
de gelo que navegam em meu sangue.No
redil da história apascento os animais da
manada; alimento-os com a carne de
meus próprios pensamentos(...) Esta
noite, ao mergulhar a mão direita na
caixa onde guardo meus papéis, os
animais subiram até meu antebraço,
moviam a patinhas, as antenas,
tentando sair ao ar livre. Esses répteis,
que se arrastam por minha pele cada vez
que resolvo mergulhar a mão no
passado, provocam em mim uma infinita
sensação de repugnância, mas sei que o
roçar escamoso de seus ventres, o
contato afiado de suas patas, é o preço
que tenho que pagar toda vez que quero
comprovar quem fui.*

Ricardo Piglia, *Respiração Artificial* ⁴⁷

2.1 – NORMATIZAÇÃO CULTURAL DE GÊNERO

A convivência com as merendeiras nas escolas, por quase três décadas, proporcionou-me aproximação e observação da problemática em questão, que é a invisibilidade dessa função, bem como o não reconhecimento social da mesma.

⁴⁷ **PIGLIA**, Ricardo. *Respiração Artificial*. Tradução: Heloísa Jahn. Companhia das letras. São Paulo. 2010. p. 236.

Minha estratégia foi à utilização da entrevista para compreender não só as dinâmicas das relações sociais, mas também os processos de subjetivação na atividade de merendeira/ Auxiliar de Serviços Gerais (ASG).

O campo de observação dessa pesquisa, foi às várias escolas pelas quais trabalhamos ao longo de 28 anos, e, durante a pesquisa optamos por entrevistar merendeiras de apenas uma escola municipal, da zona oeste de Uberlândia. Escola Municipal Iracy Andrade Junqueira. Tal escolha deveu-se ao fator liberdade, acolhida, o poder contar com a disponibilidade do grupo em participar da pesquisa.

As entrevistas ocorreram nas residências das mesmas, um local neutro e tranquilo e com privacidade para longas conversas e confidências.

Valdete⁴⁸ nos recebeu para a entrevista com simpatia e generosidade:

Não sei como será a minha vida daqui a um ano quando eu me aposentar. Tem 29 anos que cozinho para as crianças e limpo a escola, como se fosse a minha casa. Com o mesmo capricho, a mesma preocupação e a mesma dedicação.

Comecei a trabalhar na escola Dom Bosco, zona rural de Uberlândia, quando ainda era Patronato Rio das Pedras, e atendia adolescentes internos de 14 a 18 anos. Era muito bom, eu morava lá perto, na roça, e sempre quis trabalhar lá, mas meu marido muito ciumento custou deixar. Naquele tempo a gente fazia quase toda a alimentação lá mesmo na cozinha: pão, bolo, biscoito, doces e até pamonha. Logo depois que eu entrei no ano seguinte, em 1984, passou a ser escola pra crianças até a oitava série.

Se eu tivesse mais estudo podia ser professora, mas meu pai não deixou estudar, pois ele falava que mulher aprendia a ler e escrever só pra ficar mandando carta pro namorados.

Quando minha mãe morreu, eu tinha 19 anos, aí eu fui morar com uma tia que deixou eu fazer supletivo de segundo grau e me mandou pra aprender corte e costura.

Assim foi a vida desta entrevistada, podendo aprender apenas “coisas de mulher, se preparando para ser mãe, esposa, dona de casa.

Tradicionalmente, o homem é visto como provedor e chefe de família, aquele que detém mais poder em uma relação de gênero. Fátima Machado Chaves, interpreta essas relações como uma “responsabilidade” que o homem tem de manter a autoridade moral e honra da casa através do controle social e da domesticação das mulheres.

A normatização cultural de gênero, acarretando discriminação e submissão feminina, como a desvalorização profissional da mulher, embora não compreenda atos de agressão física, configura uma modalidade de violência simbólica. Não se admira, portanto, que o controle da sexualidade feminina pelo homem através do casamento e do nascimento dos filhos foi uma das razões de algumas merendeiras e

⁴⁸ VALDETE. Entrevista realizada em 08/02/2012.

serventes terem sido impedidas de continuar a estudar, assim como entrarem no mercado de trabalho remunerado, anteriormente ao da escola.⁴⁹

Atentando para a mesma questão, do poder masculino na relação de gênero, e da resistência do marido permitir que a esposa trabalhasse fora do lar, César Castro Coelho e Vera Lúcia Puga, afirmam que:

Numa sociedade machista como esta, a obrigação pelo sustento da família era do homem e à mulher cabia realizar seus trabalhos domésticos no lar, e este uma vez realizado fora deste espaço privado poderia indicar a derrota do homem, que recorreu a ela para ajudar no sustento do lar. Esta situação era difícil de ser aceita por vários homens que se achavam incapazes e até mesmo envergonhados por estar passando por este tipo de situação, ainda mais porque tinham que autorizar a atividade extra de suas mulheres.⁵⁰

Hoje, Valdete está divorciada, vive com o filho mais novo, adulto, solteiro, em uma pequena casa, que é sua, como ela mesma afirmou, está quitada, orgulhosa, fez questão de me mostrar os documentos.

Disse que até trabalhou fora antes de casar, como costureira de uma fábrica de roupas femininas, mas logo depois do casamento, já com 23 anos, parou de trabalhar fora para cuidar dos filhos e do marido. Sobre essa questão, da mulher abrir mão do trabalho fora do lar, em prol da família, Fátima Machado Chaves analisa que:

Com esse raciocínio, a merendeira acredita que a escolha de ficar em casa foi sua e demonstra a interiorização da construção ideológica de gênero que permite que o homem seja o protetor da honra feminina. De acordo com esta ideologia o marido admitiu a possibilidade dela trabalhar na função de merendeira em escola pública, atividade laboral menos qualificada comparada à sua escolaridade (ensino médio completo), significando um local de trabalho feminino e, porventura, não propiciador da infidelidade conjugal.⁵¹

Para a merendeira, a escolha da atividade de “merendeira escolar” foi sua, haja vista a necessidade econômica, pois segundo ela, roça, dá trabalho e fartura, mas não dá dinheiro, e com três filhos pequenos o gasto era muito grande com materiais escolares roupas e remédios. E também, trabalhar na escola era um local mais fácil de conciliar ocupação remunerada com sua responsabilidade doméstica, de esposa e mãe. Mas sabemos que tal escolha é imposição da própria sociedade e do marido, pois é um trabalho tido como extensão do trabalho doméstico familiar.

⁴⁹ CHAVES, Fátima Machado. *O trabalho feminino “doméstico” em escolas*. In: Caderno espaço feminino v. 16, n.19, jul/dez 2006. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM. p. 14.

⁵⁰ COELHO, César Castro, Vera Lúcia Puga. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. IN: Caderno Espaço Feminino, v.21, n.1, Jan./Jul. 2009. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de documentação e pesquisa em História (CEDHIS), NEGUEM. p. 115.

⁵¹ COELHO, César Castro, Vera Lúcia Puga. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. IN: Caderno Espaço Feminino, v.21, n.1, Jan./Jul. 2009. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de documentação e pesquisa em História (CEDHIS), NEGUEM. p. 16.

O bom de trabalhar na escola em que meus filhos estudavam, é que eu podia acompanhar mais de perto a vida escolar deles, e poder estar perto o tempo todo e ver eles crescerem, saber quem eram seus amigos pra poder orientar eles melhor. Quando precisava, eu ia lá onde eles estavam, e quando eles precisavam, eles iam lá onde eu estava. Mas só quando precisava mesmo, eu não ficava interferindo toda hora na vida deles não. Pra mim era até um passeio, uma diversão, pois na escola eu conversava com as colegas e via muita gente. Eu nunca fui de sair mesmo de casa, de passear, mesmo quando mudei pra cidade, mesmo quando separei do marido, divorciei, nunca fui de sair de casa. Minha diversão é a televisão uma ou outra novela, se for boa, não sou viciada não, é visitar os parentes de vez em quando e ir na igreja, à missa.

2.2 – LIMITES DO LAZER FEMININO

Para todas as entrevistadas, sem exceção, divertir é acompanhar o marido e os filhos naquilo que eles gostam, em suas preferências de lazer. Elas se dedicaram exclusivamente em cuidar da vida da família, inclusive em seus momentos de descanso e diversão.

Ana Vicentini de Azevedo, psicanalista, tenta decifrar e compreender um dos conceitos de diversão.

“Diversão”- curioso imperativo de gozo esse. Do latim temos o sufixo *dis*, que indica fundamentalmente negação (como em *disparate*) ou separação (como em *desmembrar*). Por sua vez, *versão* vem do polissêmico do verbo *vertere*, que pode indicar mover-se, voltar-se, tornar-se. Daí, por exemplo, haver uma palavra tão rica como *vertente*, no sentido de caminho, direção, movimento.

Ao pé da letra – e com a etimologia – podemos ver como algo tão imperioso quanto a “diversão” traz em si um movimento de separação e negação.⁵²

Divertir-se significa ainda, estar de acordo. Significa que não devemos pensar que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na sua base, do divertimento, planta-se a impotência. É de fato, fuga, mas não como pretende como fuga da realidade perversa, mas sim o último grão de resistência que a realidade ainda pode ter deixado. É em verdade um momento de passividade.

Indago a partir dessas informações. Do que é necessário separar-se, no caso da mulher, mãe, dona de casa e profissional? O que é preciso negar sobre sua vida, para afirmar-se como pessoa em busca de sua identidade? Azevedo busca essa explicação, em Freud, já que:

⁵² AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Um corpo que encalha*. In: *Figurações do Outro*. NAXARA, Márcia Regina Capelari, Izabel Andrade Marsson, Marion Brepohl de Magalhães (orgs). EDUFU. Uberlândia. 2009. p. 92.

A partir de Freud, sabemos da importância da negatividade no funcionamento psíquico. A negação é um julgamento necessário à própria constituição do sujeito em seus mecanismos de diferenciação dos objetos apreendidos pela percepção. É, portanto, um processo pelo qual os objetos podem ser subjetivados, isto é, elaborados pelo sujeito de modo a afirmar ou negar sua existência e, sobretudo, de modo a manter-se separado deles ou fusionados a eles. Nesse sentido, a negatividade alia-se de modo íntimo à constituição do eu, ao narcisismo e aos investimentos libidinais feitos pelo sujeito, seja no eu seja nos objetos, nos seus pequenos e grandes outros.⁵³

Ao assentar-se em frente à televisão, ao assistir as novelas, Valdete afirmou que diverte, que é uma das poucas diversões que possui. Segundo sua fala, ela desliga, põe no automático, descansa. Nega a realidade de uma rotina cansativa, quase mecânica. Transporta para outro mundo, o qual permite uma maior comunicação, mesmo que indireta, e também proporciona experiências outras. Garante que apesar dos pesares é uma pessoa feliz, talvez porque gosta do que faz.

Eu sou uma pessoa feliz, dificuldades todo mundo tem. Eu já fiz cirurgia no coração, coloquei marca - passo, mas não saio da cozinha e da limpeza, que é o que eu gosto. Eles, lá da Secretaria Municipal de Educação, até já quiseram me readaptar, me mudar de função na escola, eu poderia ficar no portão, mas eu não quis. Trabalho mais devagar, mas fico onde já estou acostumada. Eu gosto mesmo é desse serviço. Quando eu vim para a cidade, logo que me separei, eu achei muito serviço de costureira, mas na verdade eu vim transferida da escola da zona rural para uma escola aqui em Uberlândia, e eu preferi ficar de merendeira mesmo, porque eu acho que esquenta menos a cabeça do que costurar. Mas na verdade é porque eu gosto mesmo do que eu faço.⁵⁴

O prazer de ter feito a escolha correta, de se sentir melhor na cozinha de uma escola que na fábrica de confecções a deixa tranqüila consigo mesma. Afirma que gosta do movimento da cozinha e do ritual do preparo dos alimentos. Lembra ainda que é gratificante poder dar alegria para as crianças através de um lanche bem feito, saboroso.

2.3 – A DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DA MERENDEIRA.

Maria Helena, 52 anos, 19 na função de merendeira acaba de passar por uma intervenção cirúrgica na coluna, culpa a vida difícil, a qual impôs a ela sempre trabalhos pesados, desde menina o trabalho doméstico e depois a atividade de merendeira, e culpa as

⁵³ CHAVES, Fátima Machado. *O trabalho feminino “doméstico” em escolas*. In: Caderno espaço feminino v. 16, n.19, jul/dez 2006. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM. p. 92.

⁵⁴ VALDETE. Entrevista realizada em 08/12/2012.

condições adversas do trabalho, a falta de racionalização na distribuição de tarefas entre as merendeiras, e ressentem-se por existir apenas uma prescrição genérica do serviço. Explica que a divisão das tarefas sempre ficou a cargo da própria chefia imediata com a participação do grupo de trabalhadoras, mas nem sempre a divisão é justa, pois nem sempre há pessoal suficiente.

De merenda só tem o nome, pois em verdade é uma refeição completa: arroz, feijão, carne, salada e fruta ou doce de sobremesa. O doce vem pronto, em pequenas unidades, embrulhadinho, doce de goiaba e banana, que a gente tem que carregar as caixas e distribuir antes do lanche nas salas, para garantir que todas as crianças recebam a sobremesa e também que cada uma só pegue um pedaço, senão não dá pra todo mundo. Agora, as frutas, aí é mais difícil, pois quando é laranja ou mexerica, a gente tem que cascar, aí doe o braço, por que é aquele trabalho repetitivo.

Antigamente, era mais fácil preparar o lanche porque a gente fazia só um tipo de comida por dia, galinhada ou macarronada, ou mingau de fubá, era um prato só⁵⁵. Hoje em dia, vem mandioca pra descascar, frango pra picar, então, o serviço dobrou, só que não aumentou a quantidade de merendeira. Tem que adoecer mesmo, a gente não tem tempo pra descansar, pra repor as energias. É um corre-corre o tempo inteiro.⁵⁶

A entrevistada tem razão, houve uma intensificação do trabalho em decorrência de expressivas modificações qualitativas e quantitativas na merenda escolar. Ao tradicional alimento único; sopa, galinhada, macarrão com carne, etc., foram incorporados não só vários pratos, como também várias refeições diárias,⁵⁷ de elaboração mais trabalhosa, com horários rígidos de fornecimento. Fatores, os quais resultam na diminuição do tempo para o preparo e a distribuição das refeições. Em uma análise ergonômica do trabalho com merendeiras das redes públicas de Piracicaba, São Paulo, o grupo de pesquisadores, em seu relatório, de experiências de ações de prevenção e vigilância, apontam que uma das causas das doenças e afastamentos dessas trabalhadoras são as transformações do conteúdo e da operacionalização da merenda escolar:

A partir de 1988, a merenda escolar foi estabelecida como direito constitucional, vindo a sofrer importantes transformações quanto ao seu conteúdo e sua operacionalização, entre as quais destacamos duas diretrizes que afetam a carga de trabalho das merendeiras; (1) o controle social é feito através dos Conselhos da Alimentação Escolar (CAE), formados por representantes da Secretaria Municipal de Educação, professores pais de alunos, alunos e comunidade em geral, que têm como funções acompanhar e deliberar sobre a aplicação de recursos, a aquisição de alimentos, seu armazenamento, preparo e distribuição; (2) grande parte dos alimentos consumidos são in natura e devem ser adquiridos de pequenos produtores locais.

⁵⁵ Cardápio da década de 1980: segunda-feira, mingau de fubá com leite; terça-feira, baião de três (arroz-feijão e carne moída); quarta-feira, farofa de feijão com ovos; quinta-feira, mingau de chocolate com coco; sexta-feira, sopa de macarrão com legumes.

⁵⁶ Maria Helena, entrevista realizada em 22/04/2012.

⁵⁷ Cardápio do ano de 2012: segunda-feira, arroz, feijão, omelete, salada chuchu com batata e beterraba, e laranja. Na terça-feira, arroz, feijão, carne moída com mandioca, salada de repolho com maçã e tomate. Na quarta-feira, arroz, strogonoff de frango, salada de tomate com repolho, doce de banana. Na quinta-feira, pão com carne moída, suco de caju, maçã. Para sexta-feira, macarrão com carne moída, feijão, salada de ovos com batata e tomate.

Do mesmo modo, foram incorporadas metas higiênicas à política de segurança alimentar brasileira. A manipulação dos alimentos, de acordo com as normas sanitária, constitui objeto de fiscalização pública, acarretando, para as trabalhadoras, a necessidade de incorporação das novas tarefas, como clorar verduras, as frutas, as canecas, os pratos, as colheres, etc., representando um aumento importante no volume de serviços a ser executado diariamente.

Apesar do novo patamar de importância alçado pela merenda escolar, não se observaram investimentos em infraestrutura das cozinhas e incremento no efetivo de trabalhadoras.⁵⁸

Segundo normas internas da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, o quantitativo de merendeiras por escola é relativo ao quantitativo de alunos. Nas escolas de ensino fundamental, o que equivale a meio período de aula, o quantitativo destinado às unidades escolares é de uma merendeira para cada grupo de 75 alunos.

Na educação infantil (creches), que funcionam em tempo integral, o quantitativo é de uma merendeira para cada grupo de vinte alunos.

Esse número de funcionárias é considerado insatisfatório pelo grupo ouvido, haja vista, que não merendeiras eventuais nas escolas, para cobrirem faltas e atestados médicos de curto prazo. Quando há um afastamento por mais de três meses, como no caso de cirurgias, o que acontece é a liberação de horas extras para uma das merendeiras, para atenuar o peso do trabalho. Essa liberação de horas extras é requerida junto à Secretaria Municipal de Educação, pela administração da unidade escolar com o conhecimento e o aval da inspetora responsável pela escola.

No caso do gozo de férias prêmio, o que corresponde a um mês, ficou acordado entre administração e o grupo de merendeiras, que o trabalho o qual é de responsabilidade da funcionária em gozo de férias prêmio, conforme cronograma daquele mês, será dividido dentro do grupo entre todas.

2.4 – OS SENTIDOS DO CUIDADO E A DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE HOMENS E MULHERES

Não há como negar que felicidade está muito ligada à saúde e bem estar das pessoas, Divina, afirma que é feliz, em primeiro lugar porque tem saúde, o resto pra ela é complemento do fator saúde. Já trabalhou 22 anos, portanto, faltam oito anos para a

⁵⁸ TAKAHASHI, Maria Alice Batista Conti, Célio Roberto Pizzi, Eugênio Paceli Hatem Diniz. *Nutrição e dor; o trabalho das merendeiras nas escolas públicas de Piracicaba – para além do pão com leite*. Ver. Bras. Saúde ocup. Vol. 35, nº 122, São Paulo. 2010. [HTTP//dx.doi.org/10.1590/s0303-765720/0000200018](http://dx.doi.org/10.1590/s0303-765720/0000200018).

aposentadoria, a qual é aguardada com tranquilidade, sem pressa nem ansiedade. Tranquilidade é o que realmente define sua vida profissional. Fala da profissão com prazer e afirma que a mesma tem os revezes de qualquer profissão. Fala das dificuldades de relacionamento inerentes ao viver em grupo, e do eterno exercício da tolerância com as diferenças. O que mais me chamou a atenção foi o fato, de que ela demonstrou gostar de si mesma, querer cuidar de si antes mesma, antes mesmo que cuidar da própria família. Isso não quer dizer que relegou a família a um segundo plano, mas cuida de si, segundo ela, para poder cuidar melhor dos outros.

Primeiro, eu sempre gostei de mim, cuido da minha saúde mesmo, cuido do espiritual, vou a missa, aos encontros de casais, cuido da minha alimentação e tenho a minha vaidade básica, rsrsrs. Eu, por exemplo, nunca saio da cama, ou começo e termino um trabalho sem fazer uma sessão de alongamentos. Também nunca deixei de fazer exercícios físicos, mudo a modalidade dos exercícios, mas nunca deixo de fazer: uma hora eu faço hidroginástica, outra eu faço natação ou caminhada, ou academia, musculação, mas nunca fico parada. Agora mesmo, eu e meu marido estamos caminhando cinco quilômetros toda tarde. Tenho vinte e dois de merendeira⁵⁹ e nunca senti dores musculares, nada, nada.⁶⁰

Em sua fala, ela deixa claro que podemos fazer nossas escolhas e definir o rumo que a vida deve tomar. Trabalhar com afinco é importante, mas não se deve esquecer de que o trabalho intercalado com as horas de descanso e lazer garante vida longa de qualidade. O ideal é manter uma alimentação saudável, ter uma boa noite de sono, praticar exercícios e conservar a mente aberta para as novidades, as mudanças. É preciso também, assumir o compromisso de viver bem, respeitar o próximo e a si mesmo.

Criada na roça casou aos dezenove anos, veio para a cidade, também fez a opção de dedicar um tempo à família antes de iniciar a vida profissional e continuar os estudos.

Primeiro eu fiz a base, o alicerce da vida dos meus filhos, acompanhei a educação deles. Os dois são engenheiros, sempre estudaram em escola pública. Eu acompanhava tudo da vida deles, ajudava nas tarefas, nas pesquisas, só ajudava, nunca fiz o que era tarefa deles, apenas orientava e dava suporte. Hoje colho os frutos de alegria de vê-los bem, tranquilos e realizados. Eu só fui trabalhar quando eles já estavam no colégio, na quinta série, hoje fala sexto ano. Assim mesmo, eu só fui trabalhar porque eu morava no mesmo terreno que a minha sogra, então ela me ajudava a cuidar deles. Mulher só trabalha se outra tiver ajudando ela, dando apoio, porque marido por melhor que seja não divide o serviço com a gente, pode até dar uma mãozinha, mas o grosso mesmo, a responsabilidade é da mulher.⁶¹

⁵⁹ Durante as entrevistas, nenhuma das entrevistadas utilizou o termo Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) para falar de sua atividade profissional.

⁶⁰ **DIVINA**. Entrevista realizada em 05/03/2012.

⁶¹ **DIVINA**. Entrevista realizada em 05/03/2012.

Essa afirmação de que as tarefas domésticas continuam sendo em sua grande maioria responsabilidade da mulher nós encontramos em todas as gerações e camadas sociais. A brasileira Silvia Salek, editora-chefe da BBC Brasil em Londres, em um artigo especial para a Folha⁶², desabafa:

Lá em casa, eu geralmente faço a comida e meu marido cuida da cozinha. Com as roupas, o trato, é ele pendurar e eu dobrar. Digo “o trato” porque, na prática, há problemas. Ele me acusa de fazer menos que ele e, curiosamente, é alvo das mesmas acusações.

O trato com o trabalho, no entanto, é mais fundamental e menos sujeito a contestações. Aceitei uma promoção recente com uma condição: que pudesse trabalhar das 7h às 15h e tivesse tempo de buscar meus filhos na escola.

Segundo o jornal mineiro *O TEMPO*⁶³, ao contrário de outros países onde a queda na participação das mulheres no trabalho doméstico é acompanhada por um aumento na contribuição masculina, no Brasil apenas 46,9% dos homens que trabalhavam fora, faziam tarefas dentro de casa, enquanto 89,2% das mulheres ocupadas no mercado de trabalho dedicavam-se a isso, segundo a última edição da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE. E quanto a divisão de trabalho na administração do lar é assim que os casais que moram juntos se organizam:

Nos Estados Unidos, mesmo quando as mães não trabalham fora, a participação masculina é maior em casa. Homem cozinhando e colocando roupa na máquina não é um espanto.

Na Europa (de modo geral), as famílias lidam com a rotina doméstica de formas diferentes. Um ponto em comum é o incentivo à autonomia das crianças e a praticidade no dia a dia, com alimentos de fácil preparo e produtos de limpeza eficientes. As crianças são educadas com autonomia para cuidar do próprio quarto e ajudar os pais nos afazeres de casa. Desde bem cedo, aprendem a ir para a escola sozinhos no transporte público.

Na Alemanha, os homens são mais resistentes a compartilhar as tarefas e, segundo pesquisa, os casados deixam o serviço para as mulheres.

Em França, homens e mulheres compartilham as obrigações com a casa e os filhos. O cuidado com as crianças muitas vezes fica com babás, que se limitam a cuidar apenas dos pequenos – e não de seus pais – quando chegam da escola. Nas férias escolares, as crianças ficam com os avós ou viajam com os pais.

Já no Reino Unido, é comum as mulheres terem uma brecha de até três anos em seus currículos. Neste período, elas se dedicam aos filhos, já que a creche em tempo integral é cara, e a flexibilização da jornada de trabalho é quase uma regra.

Mônica Chaves Abdala⁶⁴, em sua pesquisa *Receita de mineiridade*, afirma que por mais que no século XXI se fale em divisão de tarefas entre os casais, quase sempre a tarefa da preparação dos alimentos ainda pertence a mulher. A autora relembra que a cozinha dos setecentos, era um espaço nitidamente feminino, já que os homens se concentravam

⁶² SALEK, Silvia. *Jornada flexível livra as mães de terceirizar o cuidado com os filhos*. FOLHA DE SÃO PAULO. Sexta - feira, 5 de abril de 2013. Mercado B7.

⁶³ O TEMPO, Belo Horizonte. Segunda-feira, 8 de abril de 2013. Economia. Domésticas. Nova lei forçará redistribuição das tarefas no lar.

⁶⁴ ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia. EDUFU. 1997. p. 70.

totalmente nas lavras ou no comércio em torno delas. Estudando os hábitos daquela época, ela ainda aponta que embora as mulheres ricas se especializassem em um ou outro prato em especial, que demonstrassem suas prendas domésticas aos visitantes, em verdade a lida doméstica, bem como a preparação dos alimentos ficava por conta das mulheres pobres e das escravas. “Preparar alimentos e cuidar de sua distribuição era tarefa feminina. Em casa, no decorrer dos dias, nas festas íntimas, durante visitas como também na rua, no comércio ambulante ou das vendas, cabia à mulher toda a função relacionada à comida”⁶⁵.

Em uma reflexão coletiva sobre quatro experiências de organização das mulheres na socialização do trabalho de alimentação, Maria Lúcia da Silveira e Neuza Tito, sintetizaram o debate realizado na oficina *Socialização do trabalho doméstico e de cuidados: uma análise de experiências do Brasil, do Peru e da Argentina. Os comedores Populares na Argentina. O Vaso de Leche no Peru e o refeitório coletivo de um assentamento do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil*. No artigo elas concluem que: “[...] a autonomia das mulheres no interior das casas aumentou, com impactos em outras áreas que entram em negociação com os homens, especialmente maridos. Cozinhar, no entanto, continua a ser tarefa das mulheres.”⁶⁶

Divina, como Júlia, fala da dificuldade de convivência em grupo, da necessidade de exercer a paciência e o respeito. Ela mesma disse que nunca teve problema com chefia, nem grandes problemas com as colegas de trabalho. Segundo ela, já fez muitas amizades sinceras e duradouras ao longo desses vinte dois de trabalho e poucas desafetas. O segredo ela revela, é viver a vida e deixar que cada um viva a sua vida também. Afirma que a religião cristã, Católica Apostólica Romana, ensinou a ela não só a ver o lado do outro como também ensinou o perdão, o respeito e a caridade.

2.5 – HIERARQUIA E RELAÇÕES DE TRABALHO

Todas as entrevistadas afirmaram estar cientes da invisibilidade, do preconceito e do não reconhecimento de seu trabalho, pela instituição empregadora, pelos alunos, pelas colegas, pela chefia imediata e claro, pela sociedade como um todo. Porém apenas Cristiane

⁶⁵ Idem, p. 71.

⁶⁶ SILVEIRA, Maria Lúcia da e Neuza Tito (org.). *Trabalho doméstico e de cuidados: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana*. São Paulo. Sempre viva Organização Feminista. 2008. p 38.

deu exemplos claros e concretos de discriminação, desrespeito e humilhação que sofrem ao desempenhar tal função:

Não sei por que, mas as merendeiras mais antigas são mais acomodadas, no sentido de aceitar toda imposição como natural das relações de trabalho. Talvez essa acomodação, vem da geração delas de quando aprendiam a dizer amém para os pais, para o marido e para toda e qualquer autoridade ou chefia, penso que esse jeito de ser faz parte da cultura delas. Minha geração já é mais questionadora. Eu não sou chata, eu cumpro meus deveres e exijo meus direitos, um deles é o respeito enquanto profissional, enquanto pessoa humana.

Essa coisa de ser discriminada pela minha profissão eu não aceito não. Para começar a escola não funciona sem as merendeiras, se limpeza, sem comida, sem apoio. A gente é pessoal de apoio mesmo, quando um aluno passa mal, a merendeira é cuida dele, limpa o lugar que ele sujou e dá até banho se precisar. Por isso acredito que nossa função merece respeito e reconhecimento.⁶⁷

Quando Cristiane compara as gerações de mulheres que trabalham na atividade de merendeira, busca encontrar uma explicação para as diferentes atitudes frente à vida pessoal e profissional justificando que seus modos de agir tem a ver com sua cultura, não está equivocada ao utilizar tal termo, pois Sérgio Paulo Morais afirma que:

O termo “cultura” possui um amplo poder de alcance, podendo representar formas singulares de reações e resistências de grupos populares frente à exploração e a ideologia de grupos dominantes, como também manifestações artísticas e religiosas de vários segmentos urbanos e rurais. Tem a possibilidade de demarcar posicionamentos morais, de costumes, de expectativas e de interpretações peculiares de mundo e de relações sociais.⁶⁸

Podemos utilizar aqui, o conceito que Gertz constrói sobre cultura, segundo o qual, o conceito de cultura pertence às relações que o homem estabelece com a sua existência. A partir desse conceito, a cultura assume um papel interpretativo:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias e significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental (no caso da antropologia) em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.⁶⁹

Álvaro Pinto, ao refletir sobre a contemporaneidade, e o homem imerso nela, no caso, os brasileiros, ele conclui que: “ao produzir a cultura, o homem, ao mesmo tempo se produz a si próprio em forma de constituição de um modo social de convivência”.⁷⁰

Cristiane, também lembra reclamações de colegas de outras unidades escolares de que quando sugerem alguma coisa diferente, ouvem da chefia que não estão lá não para

⁶⁷ CRISTIANE. Entrevista realizada em 19/04/2012.

⁶⁸ MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e Vivências de Carroceiros: modos, tradição e vida*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Nº 26, ano 13.1º semestre 2000. p. 19.

⁶⁹ GERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. Zahar. 1978. p. 4.

⁷⁰ PINTO, Álvaro V. *Ciência e Existência*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1969, p. 135.

pensar, e sim para executar. A mesma, afirma que isso não é a regra nas escolas, no trabalho das merendeiras, mas existe e tem que ser questionado. Quando ela fala de discriminação, de preconceito, de humilhação ela está falando de *assédio moral*, do assédio dito *pessoal*. Para Geneviève Koubi:

Quando o assédio é dito *pessoal* é a qualidade da relação entre duas pessoas nominalmente designadas, independente da posição que cada uma delas ocupa no interior de uma organização ou grupo, que é assim delimitada. O assédio traduz aqui dois módulos afetivos: de um lado, a existência de uma animosidade pessoal da parte do assediador, que pode advir de um forte ressentimento ou de uma profunda inimizade; de outro, da parte do assediado, uma apreensão singular próxima da angústia e do temor. O qualificativo é um atributo que retrata a evolução dos sentimentos próprios a cada um dos atores da relação, podendo ir do medo recíproco à ambivalência da associação ódio/amor.⁷¹

Edgar de Decca, estudando a questão do assédio, afirma que em nossa tradição de cordialidade o assédio sempre foi um sinal de superioridade e esperteza. Ainda, observa que o assédio moral é na maioria das vezes difícil de caracterizar em um ambiente de trabalho, pela sua própria natureza etérea; portanto:

Por assédio moral em um local de trabalho temos que entender toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo, por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho.

Poder-se-ia pontuar que o assédio moral é a “perseguição” do trabalhador por outro colega de serviço, geralmente seu superior hierárquico (mas não necessariamente). Trata-se de um método perverso de poder, para manter o poder e controlar o outro, utilizam-se manobras aparentemente sem importância, que vão se tornando cada vez mais violentas se o empregado resiste a elas. Em um primeiro momento, busca-se retirar dele todo e qualquer senso crítico, até que ele não saiba mais quem está errado e quem tem razão. Ele é estressado, crivado de críticas e censuras, vigiado, cronometrado, para que sinta seguidamente sem saber de que modo agir; sobretudo, não se lhe diz nada que possa permitir-lhe compreender o que acontece.⁷²

Há que frisar a fala de Cristiane, que assédio moral acontece em todo e qualquer local de trabalho, porém sem generalizações, haja vista que a grande maioria das escolas municipais segundo a mesma, reconhecem nas merendeiras parceiras de luta cotidiana, e embora o dia da merendeira, seja comemorado em 30 de abril, em várias unidades escolares as mesmas são homenageadas no dia 15 de outubro junto com as professores, pois seu papel para além de sua função, é em grande parte pedagógico.

⁷¹ **KOUBI**, Geneviève. *Variáveis da noção de assédio*. In: Assédio Moral desafios políticos, considerações sociais, incertezas jurídicas. BRESCIANI, Stela, Jacy Seixas, (org). Uberlândia :EDUFU, 2006. p. 24.

⁷² **DECCA**, Edgar Salvador de. Assédio e cordialidade: a linha tênue da dissimulação do desejo. In: *Assédio moral; desafios políticos, considerações sociais, incertezas jurídicas*. BRESCIANI, Stela, Jacy Seixas (org.). Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 246.

2.6 – LEI COMPLEMENTAR 101/95 E SUA CONSEQUÊNCIAS.

Tanto Júlia, como Valdete e Divina iniciaram a atividade de merendeira nas escolas municipais ainda na década de 80, antes do primeiro concurso para provimentos de cargos e salários dessa categoria. Para elas o concurso foi extremamente bem vindo, pois trouxe em seu bojo segurança e estabilidade. Estas foram algumas das razões para suas escolhas.

Richard Sennett pesquisou os ganhos que o trabalhador tem no espaço público. Para esse sociólogo, os indivíduos têm ganhos maiores, no espaço privado, mas preferem o espaço público porque nele o trabalhador encontra uma identidade. Além de segurança e estabilidade ele ganha status e se sente útil.

Status é talvez a palavra mais escorregadia do léxico do sociólogo. Embora seja freqüentemente usada como sinônimo de esnobismo, seu sentido mais profundo tem a ver com legitimidade.

Alguém tem status quando as instituições conferem-lhe legitimidade. Ser útil enquadra-se nesse mesmo arcabouço; mais que fazer o bem em caráter privado, é uma maneira de ser reconhecido publicamente.⁷³

Quanto à mudança de nomenclatura, de *merendeira* para auxiliar de serviços gerais (ASG), a partir lei complementar 101/95, a justificativa da instituição Prefeitura Municipal de Uberlândia, na pessoa da assessora responsável pelo setor de Recursos Humanos Geral, é a de que as merendeiras, por lei, não poderiam trabalhar em outros espaços da escola senão na cozinha, e a instituição via a necessidade de revezamento entre cozinha e limpeza, pois entendem que a rotina da cozinha é extremamente pesada e causadora de afastamentos de um grande número de merendeiras por problemas de saúde.

Uma das responsáveis pelo setor de distribuição da merenda escolar, o Programa Municipal de Alimentação Escolar, PMAE, a qual pediu para que seu nome não fosse divulgado, discorda, e afirma que deveria ter a distinção nas escolas, deveria ter as duas funções definidas, os dois elementos, merendeira e auxiliar de serviços gerais, com as funções distintas de cozinha e limpeza, já que nem todo mundo sabe, gosta, e se interessa pela cozinha, pois cozinhar é um dom.

Concordamos com o dom, com o gosto, com a maior facilidade de lidar com a cozinha e a alimentação, mas cremos que com boa vontade, esforço e treinamento através de cursos, as pessoas podem desempenhar essa função de maneira extremamente satisfatória. Ao expor essa forma de pensamento, a mesma funcionária do PMAE, lembrou como a década de

⁷³ SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Record. Rio de Janeiro. 2006. p. 364.

90 foi importante no que diz respeito aos cursos que a Secretaria Municipal de Educação promovia para seus funcionários, inclusive para o pessoal de apoio, no caso as merendeiras.

Os cursos eram uma constante, e abordavam no caso desse pessoal de apoio, temas como a higiene pessoal, a manipulação higiênica dos alimentos e as doenças transmitidas pelos alimentos. Nesses encontros eram também ministradas dinâmicas de grupos, atividades práticas, gincanas e jogos, bem como exposição dialogada, trocas de experiências e momentos de escuta, com material de apoio para acompanhamento. Elas aprendiam além da higiene para com os alimentos, elaborar cardápios e o armazenamento dos mesmos. Não sei por que, mas parou tudo. De 2000 para cá, vai tudo pronto para as escolas, os cardápios já vão elaborados pelas nutricionista, daí eu penso que eles (Secretaria Municipal de Educação - SME) acham que não precisa mais de curso. Agora as merendeiras, ou seja, o pessoal de apoio das escolas, só tem aquele primeiro curso que qualquer funcionário público tem quando entra na prefeitura, só a parte administrativa mesma.

Tem escola, que a diretora que é que pede socorro pra gente aqui do PMAE (Programa Municipal de Alimentação Escolar), quando está muito difícil, muita gente nova entrando, as antigas aposentando, aí elas pedem pra gente “apagar o fogo”, dar um curso rápido, ensinando as funcionárias a preparar alguns lanches, dar algumas dicas. No mais, elas aprendem na prática, umas com as outras. Se bem que ano passado, 2011 teve até um curso,⁷⁴ exigência da vigilância Sanitária, mas não foi pra todo mundo, só para uma de cada escola, aquela conversa de elemento multiplicador, que a gente sabe que não acontece nas escolas, pois o calendário não dá oportunidade para esses repasses, então não adianta muito. O que eu acho é que a formação permanente é necessária, Mas não é bem assim, é como se hoje todo mundo já soubesse o que vai fazer, o que é uma lástima.⁷⁵

O referido curso citado pela funcionária do PMAE, foi realizado em agosto de 2011 e teve como tema “*Capacitação de Merendeiras Escolares do Município de Uberlândia*”. Os objetivos propostos, pela Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Uberlândia, em parceria com a empresa Supere Treinamentos & Desenvolvimento,⁷⁶ os quais estão explícitos no material de apoio, é o de capacitar os manipuladores de alimentos, como meio para a melhoria da qualidade da refeição escolar, considerando aspectos das boas práticas do serviço de alimentação desde o recebimento dos gêneros alimentícios até a distribuição da alimentação.

O manual de capacitação nos permite conhecer os temas que foram trabalhados durante o curso que aconteceu durante três encontros num total de 12 horas.

Além de apresentar a legislação e as ações da vigilância Sanitária⁷⁷ foram apresentadas também a legislação sanitária vigente; os principais objetivos da merenda

⁷⁴ Curso de Capacitação de responsável pela área de serviços de alimentação. Supere Treinamento & desenvolvimento. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura municipal de Uberlândia.

⁷⁵ Entrevista realizada em 19/10/2012.

⁷⁶ Supere Treinamento &. Av. Alexandre Ribeiro Guimarães, 05 – Bairro Santa Maria Uberlândia – MG. Fone/Fax: (34) 3236- 0299 – site: www.supere.com.br

⁷⁷ Capacitação de responsável pela área de Serviços de Alimentação. A definição legal de Vigilância Sanitária é dada pela Lei Federal nº 8.080 de 19 de setembro de 1990. “Conjunto de ações capaz de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas sanitários (etapas de processo, produção e consumo)”. p. 01

escolar⁷⁸; as atribuições da merendeira⁷⁹; noções de microbiologia de alimentos; os perigos nos alimentos; as doenças de origem alimentar; controle de água; controle de vetores e controle do manejo de resíduos.

No que diz respeito à saúde dos manipuladores, foram abordados temas como higiene pessoal, estética (higiene corporal), uso correto de uniforme, higiene das mãos e “sugestões”, como não utilizar brincos e colares, e dicas de cuidados com a segurança pessoal e coletiva.

Percebe-se uma maquiagem no processo de capacitação, um faz de conta, já que participou do curso apenas uma funcionária de cada turno da escola, ou seja, duas ou três, conforme o tamanho e quantidade de turnos de cada escola. E, apenas as participantes receberam o manual de capacitação. O que era de se esperar, é que, no mínimo, a equipe administrativa, ou seja, a direção das unidades escolares e todas as merendeiras recebessem o manual para conhecimento e acompanhamento em um momento de repasse do curso.

As entrevistadas embora gostarem da atividade que desempenham, são unânimes em afirmar que a invisibilidade social da função, se deve a vários fatores, primeiro a classe social da qual se originam, a pouca instrução que possuem e por serem mulheres. A hipótese que aventaram sobre o curso de treinamento não ser extensivo a todas é a de que a própria visão da instituição empregadora, é a de que elas por serem mulheres já sabem tudo de cozinha, ou deveriam saber, pois cozinhar é inerente a natureza feminina, está inscrito no DNA feminino.

Fátima Machado Chaves, não concorda com essa visão, porém afirma que a mulher, a merendeira, traz consigo todo um cabedal cultural sobre a arte de cozinhar, já que as preparações de alimentos estão entre as primeiras brincadeiras das meninas.

As brincadeiras infantis foram verdadeiros treinamentos; “a gente brincava, a gente fazia aquela casinha, fazia panela de barro com cabinho, fazia aquelas mesinhas de tabuinha, aí preparava os matinhos e dizia que eram legumes. E as pedrinhas branquinhas que eram arroz”.

Na realidade, esse aprendizado da arte de cozinhar ao longo de suas vidas garante-lhes um saber que não lhes é desapropriado, nem pelo mercado capitalista ou pela administração escolar. Ao analisar as atividades dessas mulheres, verificamos que

⁷⁸ Idem, p. 03. Os principais objetivos da merenda escolar: fornecer alimentos saudáveis e nutritivos: frutas, legumes, verduras, leite e derivados, soja, carne, peixe; atender 15% das necessidades diárias dos alunos; promover reeducação alimentar; incentivar mudanças de hábitos alimentares; segurança alimentar: garantindo ao menos uma refeição saudável ao dia; oferecer rendimento escolar ao aluno.

⁷⁹ Ibidem, p. 03. A merendeira é responsável por: controlar a entrada e saída dos alimentos com registro diário de ficha de controle; observar os aspectos dos alimentos antes e depois de sua preparação, quanto ao cheiro, cor e sabor.; abrir apenas a embalagem para o consumo do dia, guardar bem fechada as que não forem usadas totalmente; verificar o cardápio do dia; providenciar com antecedência a merenda, segundo as técnicas do preparo para que esteja pronta no horário estabelecido e na temperatura adequada; lavar os utensílios de distribuição antes e depois de usá-los; controlar o consumo de gás, material de limpeza, entre outros; cuidar da conservação do fogão, bem como controle das panelas, pratos, canecas, tigelas, e todos os outros utensílios da cozinha; demonstrar interesse em cumprir as determinações superiores; tratar com delicadeza as crianças; distribuir a merenda por igual a todas as crianças, incentivando-as “comer de tudo”, sem deixar sobras.

no dia a dia fazem mais do que lhes foi prescrito, cozinhar e distribuir refeições, têm o domínio pleno desse processo de trabalho, pois, mesmo que o cardápio de merenda seja definido por outros, elas só contam na prática, com a experiência, quer dizer, com a “inteligência” delas, através de uma lógica própria desenvolvida e aprendida no trabalho real, cozinhando várias refeições diárias.

Por exemplo, fazem o controle total das merendas distribuídas, sabem verificar se a quantidade de gêneros alimentícios está adequada e se a comida será suficiente para o número de alunos, servindo-os de tal forma, que não falte a nenhum e ajustam os cardápios às características de seus usuários. Enfim, são elas que dão as informações necessárias para a equipe de direção elaborar o “mapa da merenda”. Assim, o trabalho real que executam na confecção da merenda, embora seja desenvolvido sob as relações de trabalho capitalistas, não pode ser enquadrado simplesmente como “manual”.⁸⁰

Roselena, 29 anos, trabalha como merendeira há quatro anos apenas, gosta do que faz, já trabalhou na Secretaria Municipal de Saúde, mas, á quatro anos pediu transferência para a Secretaria Municipal de Educação pela vontade de trabalhar em uma unidade de ensino e particularmente trabalhar com a confecção da merenda. Assim sem nenhum curso para tal função aprendeu tudo na prática com as colegas. Afirma que o trabalho da merendeira (em momento algum utilizou a nomenclatura correta que é Auxiliar de Serviços Gerais – ASG) é bem mais que limpar a escola e preparar e distribuir alimentos.

Eu gosto muito do que eu faço, porque além de limpar a escola e fazer o lanche a gente participa da educação das crianças, cuida delas na fila, ensina a ter bons modos com os colegas, escuta os problemas delas e dá conselhos, zanga quando precisa, cuida das necessidades delas quando elas estão na escola.

Agora, eu já trabalhei com gente que não gostava do que fazia, tinha uma que até entendia de cozinha e gostava de cozinhar, mas não gostava de criança, não gostava de gente, não gostava do ambiente da escola. Duas dessas colegas, que gostavam de escola, mas não de cozinha, fizeram o curso de pedagogia e hoje são professoras Já a que gostava de cozinha, mas não de escola, fez curso de vendas e hoje trabalha em imobiliária e está bem mais feliz. Essa coisa de falar que está em um determinado trabalho porque não tem opção eu não aceito, porque eu acho que sempre tem opção. Eu acredito que a gente tem que fazer o que gosta.

Eu gosto de cozinha, mas descobri que gosto muito da sala de aula, gosto quando posso ficar olhando a turma para a professora sair rapidinho por alguma emergência como ir ao banheiro ou à secretaria. Então, resolvi, vou começar pedagogia esse ano ainda.

Quanto à convivência com colegas e chefia, eu nunca tive problemas, sempre encontrei colegas que me auxiliaram em minhas dificuldades e dividiam comigo os segredos da cozinha, pois cozinhar é uma ciência que pode ser aprendida, como colocar sal na água para cozinhar os ovos para eles não trincarem as cascas, ou temperar a salada de beterrabas meia hora antes e salgá-las levemente para realçar o doce, o sabor delas.⁸¹

Roselena admite que existam problemas de convivências, abusos de poder por parte das chefias, como bater na mesa e proclamar “aqui quem manda sou eu”, mas afirma que tais problemas não são exclusivos da função ou do espaço de trabalho a que pertence,

⁸⁰ CHAVES, Fátima Machado. *O trabalho feminino “doméstico” em escolas*. In: Caderno espaço feminino v. 16, n.19, jul/dez 2006. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM. p. 34.

⁸¹ ROSELENA. Entrevista realizada em 15/04/2012.

mas, acontecem nas maiorias dos grupos de convivências, inclusive nos grupos familiares. Segundo ela, a receita pra viver e conviver bem é o perdão, a compreensão e mais que tudo o apagar da mente os acontecimentos ruins, guardar só as coisas boas, no resto, é passar a borracha e apagar, guardar só as coisas boas. E, tocar a vida para frente.

Sobre a importância de inscrever e apagar, Roger Chartier observa que:

O medo do esquecimento obcecou as sociedades européias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer.

A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita, a memória dos tempos e dos homens. No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humildade dos objetos mais simples, a escrita teve por missão conjurar contra a fatalidade da perda. Em um mundo na qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos, perdidos e os livros estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez outro perigo: o de uma proliferação textual incontrolável, de um discurso sem ordem nem limites. O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto o contrário. Portanto, embora temido, o apagamento era, necessário, assim como o apagamento o é para a memória.⁸²

Tudo isso nos indica que a arte de conviver não é nada fácil, mas é prazerosa e enriquecedora, pois nos tornamos nós sob o olhar do outro, nas trocas e no partilhar de experiências.

⁸² CHATIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI- XVIII*. UNESP. São Paulo. 2007. p. 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, embora este continue a se produzir a cada geração. As interações entre os indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos. A cultura, no sentido amplo, emerge dessas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/ sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apóiam-se, nutrem-se e reúnem-se. Assim, indivíduo/sociedade/espécie não apenas são inseparáveis, mas co-produtores um do outro. Qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.

MORIN, Edgar. 2000 ⁸³

Reafirmo aqui que o assunto que é objeto desta pesquisa é fruto de inquietações pessoais, quando ao longo de vinte e oito anos de docência junto ao ensino básico, presenciamos as lutas, as insatisfações, e a própria invisibilidade dessa classe trabalhadora a qual ganha visibilidade vez por outra na sociedade apenas quando comete um desvio⁸⁴. Percebi também a dedicação, eficiência e importância de seu papel na organização do espaço escolar, na higienização ambiental, na manipulação, confecção e distribuição de alimentos aos alunos.

De fato, convivendo no espaço escolar enquanto aluna e professora, percebi que não há um reconhecimento das representações sociais em relação à atividade de merendeira, a questão essencial desta pesquisa foi analisar o que significa ser merendeira no espaço escolar, na sociedade uberlandense e mesmo na sociedade. O fator proximidade, vivência é o que surgiu em primeiro lugar na busca da compreensão do fazer cotidiano dessa classe trabalhadora.

Ao reunir a pesquisa, a documentação, e as entrevistas, todo esse material permitiu que eu pensasse em algumas questões acerca da atividade da merendeira escolar.

Acompanhar essa oportunidade de articulação nos leva a perceber a dor e o prazer da atividade da merendeira escolar, que é em verdade um trabalho doméstico, de cuidado não só com a higiene ambiental, mas também com o preparo e distribuição da alimentação. E mesmo que não faça parte legalmente de sua função, os cuidados com a

⁸³ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (Relatório feito a pedido da UNESCO). São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000. p. 65.

⁸⁴ Vide: “Merendeira é suspeita de intoxicar 39 alunos e professores em Porto Alegre, Rio Grande do Sul”. Quando buscamos pesquisar o tema na internet, de cada dez sites, oito são referentes ao caso.

criança, ainda as vemos às voltas com os alunos grande parte do tempo, quer orientando-os e incentivando-os a se alimentarem adequadamente, como relembando os princípios básicos de higiene, a utilização correta dos talheres e posturas, e ainda, se preocupando com eles nos intervalos de aulas em suas brincadeiras.

Quanto à promoção de hábitos alimentares saudáveis, destaco o trabalho das merendeiras, profissionais envolvidas diretamente no preparo distribuição da alimentação escolar. No entanto, o papel que desempenham na educação não se limita a preparação de alimentos e a higienização de áreas física.

Constatei que elas têm sensibilidade para outras questões, outras dimensões da vida, possuem um conhecimento de ordem prática e que deveria ser reconhecido no processo de formação de comportamentos e atitudes relativos à ética e à convivência social. Nunes, assim analisa esta questão:

As merendeiras conhecem cada um dos alunos, sabem como eles se comportam no grupo, na hora das refeições, o que comem e o que rejeitam, se é necessário dar-lhes mais atenção para que se alimentem, insistir para que consumam determinados alimentos ou se, ao contrário, é necessário freá-los, já que ficam pedindo para repetir várias vezes, bem como ainda observam e não permitem que os alunos deixem alimentos no prato, evitando, assim, o desperdício.

Identificam aqueles que não estão acostumados a comer carne e sabem que é preciso ensinar-lhes, na medida em que isso não faz parte dos hábitos alimentares da família, além de ter que ensinar àqueles que não sabem utilizar garfo e faca ou se comportar à mesa. Ao desenvolverem todas essas atividades, essas trabalhadoras estão estimulando o comportamento social das crianças, bem como assegurando o atendimento de suas necessidades nutricionais, o que as torna responsáveis pela saúde das crianças. São também ouvintes e conselheiras, conhecem os alunos-problema, os estudiosos, os que não estão bem de notas, identificam problemas existentes. As serventes, por sua vez, conhecem aqueles alunos que não sabem usar o banheiro adequadamente, os que fogem da sala de aula e ficam perambulando pela escola ou aqueles que se escondem no banheiro, os que chegam sempre atrasados e ficam insistindo para que abram o portão, os que brigam no recreio, batem e são temidos pelos colegas, etc.⁸⁵

Por sua experiência e convivência com os alunos, a merendeira, consegue perceber e resolver problemas que afetam a escola como um todo, agindo afetuosamente, comprometendo-se pelas questões do cotidiano escolar, extra-sala, coisa que, para um professor, seria de difícil solução.

Podemos perceber a forma como elas interpretam a prescrição das regras disciplinares da escola, adaptando-as a cada situação, e à realidade dos educandos, ou seja, intui a necessidade de respeitar o espaço geográfico que a escola está inserida.

⁸⁵ NUNES, Bernadete Oliveira. *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. 2000. p. 28.

Embora a ausência de cursos de capacitação sistemáticos, evidenciou-se estreita relação de merendeiras e escolares, bem como a valorização na preparação e na oferta de alimentação de qualidade com boa aceitação. Porém reafirmou-se a importância na utilização da alimentação escolar como espaço permanente de aprendizado.

Como observadoras e partícipes que são da vida escolar de cada aluno, acreditamos que a escola, como espaço de socialização deva valorizar esse conhecimento para além do currículo, e propiciar momentos de escuta em que as merendeiras possam relatar suas observações e sugerir atitudes outras por parte das equipes administrativas e pedagógicas.

Pelo exposto acima, podemos inferir que, estas experiências não são levadas em conta, pela simples e real razão de que a escola está inserida em uma sociedade capitalista, onde a divisão social do conhecimento coincide com a divisão social do trabalho. De acordo com essa visão capitalista, Nunes afirma que, nesse contexto, “Merendeiras e serventes desenvolvem um trabalho manual, sendo por isso, consideradas profissionais subalternos, dos quais não se espera, ou supõe que sejam capazes de pensar ou de ter algum tipo de conhecimento a respeito de seu trabalho”.⁸⁶

Para compreender o processo da atividade de merendeira, fez-se necessário lembrar que todo processo é marcado pelas relações sociais, como afirma Chauí:

[...] o real não é um dado sensível nem um dado intelectual, mas é um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. Essas relações entre os homens e deles com a natureza constituem as relações sociais como algo produzido pelos próprios homens, ainda que estes não tenham consciência de serem seus únicos autores.⁸⁷

O efetivo responsável pela elaboração da merenda escolar nas escolas municipais de Uberlândia, ou seja, o quadro de Auxiliares de Serviço Gerais (ASGs), da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia- Minas Gerais, é majoritariamente feminino. Porém em dezembro de 2012, a responsável pelo setor de pessoal da Secretaria, afirmou não ter os dados discriminados do quantitativo feminino e masculino que atuam nessa função.⁸⁸

O que comprovamos é que, embora haja funcionários de ambos os sexos atuando na atividade de Auxiliar de Serviços Gerais, a própria instituição empregadora ainda utiliza a nomenclatura anterior “**merendeira**”, como observamos no material de apoio do

⁸⁶ NUNES, Bernadete Oliveira. *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. 2000. p 29.

⁸⁷ CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo. 1989. p. 19.

⁸⁸ Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação em 20/10/2013, a Secretaria conta em seu quadro de funcionários de Auxiliares de Serviços Gerais (ASGs), o quantitativo de 1.579 funcionários, sendo 1.378 efetivos e 201 contratados.

curso ministrado para a categoria, já citado anteriormente, *Capacitação de responsável pela área de serviços de alimentação*, o qual tem como subtítulo, *capacitação de merendeiras escolares do município de Uberlândia*. O mesmo material confirma essa nomenclatura, quando aborda as atribuições dessa função, como “*responsabilidades da merendeira*”⁸⁹. Encontramos a utilização da nomenclatura **merendeira**, também nas correspondências entre unidades escolares e os vários setores da Secretaria Municipal de Educação, quando referiam aos trabalhadores da atividade de apoio, Auxiliares de Serviços Gerais (ASGs). A justificativa de quem elaborou os memorandos, foi que, a nomenclatura merendeira é mais econômica na escrita e tem uma relação mais afetiva com a função, e é também uma forma de diferenciar os trabalhadores que estão nas escolas e os que estão trabalhando nas outras repartições, bem como em outras secretarias municipais e autarquias.

O Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Uberlândia – SINTRASP, na pessoa de seu presidente, afirmou em outubro de 2012, que os Auxiliares de Serviços Gerais compõem o quadro do funcionalismo público e têm os mesmos direitos e deveres de qualquer funcionário, contemplados no Estatuto do Servidor⁹⁰, e que toda luta do sindicato é visando o interesse do funcionalismo como um todo. Reconheceu que em suas visitas às escolas municipais, muitas merendeiras reclamam e acham injusto o salário de quem trabalha nas escolas não ter um diferencial de quem trabalha em outras secretarias, já que o preparo e distribuição de lanches, bem como o cuidado com os alunos e o envolvimento com o pedagógico, vai muito além da limpeza e do servir o cafezinho de outras Secretarias Municipais. O mesmo afirmou que nunca houve uma discussão nesse sentido, mas aguarda que a nova administração que iniciará em 2013, encontre soluções para esse problema.

Embora todas as entrevistadas tenham afirmado que o ponto negativo de trabalhar fora do lar é o fato que acumulam mais tarefas, haja vista que em casa continuam ser suas a maior parte delas, o que ficou evidente, nas falas, nas narrativas, é em verdade uma resistência ainda que inconsciente das mulheres em abrir mão de seu espaço de poder.

Quanto à desvalorização social do trabalho das merendeiras escolares de acordo com a pesquisa está relacionado com vários fatores, um deles é a desvalorização dos saberes não institucionalizados. Porém não há como negar que esta desvalorização está intimamente ligada às questões de gênero, vinculada às mulheres. Acredita-se ainda como já afirmamos anteriormente, que não seja necessário qualquer preparo prévio para se tornar uma

⁸⁹ Capacitação de responsável pela área de serviços de alimentação. p. 2.

⁹⁰ Estatuto Dos Servidores Públicos Do Município de Uberlândia. Leis complementares n°s 040 de 05/10/92, 049 de 12/01/93 e 120 de 19/07/95. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Administração. Divisão de Recursos Humanos. Seção de Assuntos Sociais. Uberlândia, dezembro de 1995.

dona de casa, pois tudo que se refere a essas atividades pode ser aprendido na prática. Socialmente a mulher é preparada desde cedo para assumir tais tarefas. Quando a menina ajuda a mãe nos cuidados da casa e com os irmãos menores.

Há, portanto o mito, de que a mulher é naturalmente preparada para o desempenho profissional dos trabalhos domésticos, sem qualquer qualificação.

Segundo Edith Piza, dentro desse conceito “ser mulher é ser uma trabalhadora doméstica em ato ou potência, é ter a garantia de que sempre se poderá desempenhar uma atividade, sem qualquer exigência prévia. A mulher é naturalmente uma empregada doméstica”⁹¹.

O discurso da desqualificação do trabalho doméstico, portanto, é o atributo de ser um trabalho, “naturalmente” feminino.

Nós, no entanto, sempre as admiramos. Elas são para nós, heroínas obscuras, das quais somos devedores enquanto aluna, mãe e professora, e preocupamos com sua invisibilidade.

Ainda, o que mais nos encanta nessa atividade, é a forma como lidam com o ordinário, com o cotidiano, como Michel de Certau percebeu, com “uma criatividade que se esconde num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si uma maneira própria de caminhar pela floresta dos produtos impostos.”⁹²

É atraente, também, aquilo que Luce Giard, em *Arte de Nutrir*, fala, que é a utilização da memória múltipla por parte dessas trabalhadoras; a memória múltipla da aprendizagem e a memória múltipla dos gestos vistos, das consistências, bem como a utilização da memória programadora para calcular o tempo de preparação. Segundo Giard, “cada refeição exige capacidade inventiva de uma mini estratégia para fazer mudança, por exemplo, quando falta um ingrediente ou não se dispõe de um utensílio próprio para uma determinada receita”⁹³.

As profissionais que entrevistei têm algo a dizer, têm experiências a compartilhar e, deste modo, foi prazerosa tal tarefa. A primeira grande lição que tirei dessa empreitada, foi talvez o fato de que elas assumem e cultivam suas particularidades na convivência diária, há as que gostam mais da limpeza, há as que gostam mais da cozinha, mas o fazem respeitando o outro na busca de relações igualitárias da existência, pois, somos iguais nos direitos enquanto pessoas, mas somos diferentes em nossos traços de particularidades.

⁹¹ **PIZZA**, Edith. *A contaminação de práticas no trabalho de magistério: notas para reflexão*. Mimeo. São Paulo. 1992. p. 82.

⁹² **CERTAU**, Michel de, Luce Giard, Pierre Mayol. *Vozes*. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1996. p. 13.

⁹³ **GIARD**, Luce. *A Arte de Nutrir*. Idem, p. 219.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de estudar*. 28 ed. São Paulo. Cortez Editora. 1992.
- ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia. EDUFU. 1997.
- ALMEIDA, Antônio de. *Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*. Uberlândia. EDUFU. 2008.
- AUFIRAS, Munique. Uma entrevista com Jacques Le Goff. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991.
- AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Um corpo que encalha*. In: *Figurações do Outro*.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari, Izabel Andrade Marsson, Marion Brepohl de Magalhães (orgs). EDUFU. Uberlândia. 2009.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Editora Brasiliense. 7ª edição. São Paulo. 1994.
- BLOCH, Marc. *A observação histórica*. In: BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2001.
- CASTRO, Hebe. *História social*. In: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro. Campus. 1997.
- CERTAU, Michel de, Luce Giard, Pierre Mayol. *Vozes*. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo. 1989.
- CHARTIER, Roger. *Inscrição e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI- XVIII*. UNESP. São Paulo. 2007.
- _____. *A História Cultural. Entre Práticas e representações*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil/DIFEL, 1998.
- CHAVES, Fátima Machado. *O trabalho feminino “doméstico” em escolas*. In: Caderno espaço feminino v. 16, n.19, jul/dez 2006. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.
- COELHO, César Castro, Vera Lúcia Puga. *Direitos dos homens e deveres das mulheres*. In: Caderno Espaço Feminino, v.21, n.1, Jan./Jul. 2009. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de documentação e pesquisa em História (CEDHIS), NEGUEM.
- DECCA, Edgar Salvador de. *Assédio e cordialidade: a linha tênue da dissimulação do desejo*. In: *Assédio moral; desafios políticos, considerações sociais, incertezas jurídicas*. BRESCIANI, Stela, Jacy Seixas (org.). Uberlândia: EDUFU, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo. Brasiliense, 1984.

DOSSE, François. *A história em migalhas dos Annales à nova História*, Editora Ensaio. UNICAMP. Campinas. São Paulo.1992.

FERREIRA, Jorgetânea da Silva. *Memória, História e Trabalho: Experiências de Trabalhadoras domésticas em Uberlândia – 1970/1999*. São Paulo 2000.

_____. *Memórias De Mulheres: transformações e conflitos na cozinha*. In: *Educação popular em tempos de inclusão: pesquisa e intervenção*. SANTOS, Benerval Pinheiro, Gercina Santana Novais, Lazara Cristina da Silva (Organizadores). Uberlândia. EDUFU. 2011.

_____. *Memória, História e Trabalho: Experiências de Trabalhadoras domésticas em Uberlândia – 1970/1999*. São Paulo 2000.

GERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. Zahar. 1978.

GULLAR, Ferreira. *Cultura e terror*. E12 ilustrada. Domingo, 28 de abril de 2013. FOLHA DE S.PAULO.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2. p.15-46, jul./dez, 1997.

_____. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. DP& A. Rio de Janeiro. 1997.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Paz e Terra. São Paulo. 1992.

HOBBSBAWN, Eric J. *A História de Baixo pra cima*. IN: *Sobre História*. Companhia das Letras. São Paulo. 1998.

KOUBI, Geneviève. *Variáveis da noção de assédio*. In: *Assédio Moral: desafios políticos, considerações sociais, incertezas jurídicas*. BRESCIANI, Stela, Jacy Seixas, (org). Uberlândia: EDUFU, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero*. PROJETO HISTÓRIA: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo-SP – Brasil. 1994.

MATOS, Maria Izilda. *História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas*. In: *ESPAÇO FEMININO*, v. 3. 1998.

MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e Vivências de Carroceiros: modos, tradição e vida*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Nº 26, ano 13.1º semestre 2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (Relatório feito a pedido da UNESCO). São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

NUNES, Bernadete Oliveira. *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. 2000.

O TEMPO, Belo Horizonte. Segunda-feira, 8 de abril de 2013. Economia. Domésticas. Nova lei forçará redistribuição das tarefas no lar.

PERROT, Michelle. *As Mulheres ou Silêncios da História*. Tradução: Viviane Ribeiro. EDUSC. Bauru, São Paulo. 2005.

PIGLIA, Ricardo. *Respiração Artificial*. Tradução: Heloísa Jahn. Companhia das letras. São Paulo. 2010.

PINSKY, Carla Bssanezzi. *A Era dos modelos rígidos*. IN: *Nova História das Mulheres*. PINSKY, Carla Bassanezi, Joana Maria Prado (Organização). São Paulo. Contexto. 2012.

PINTO, Álvaro V. *Ciência e Existência*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1969.

PIZZA, Edith. A contaminação de práticas no trabalho de magistério; notas para reflexão. Mimeo. São Paulo. 1992.

PORTO, Alexandre Vidal. *Simpatia não é tudo na vida*. FOLHA DE S. PAULO. Caderno Mundo. Sábado, 27 de abril de 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Enfoques e abordagens. Educação e gênero no Brasil*. Projeto História. Mulher & Educação. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) n. 11, Nov./94.

SALEK, Sílvia. *Jornada flexível livra as mães de terceirizar o cuidado com os filhos*. FOLHA DE SÃO PAULO. Sexta - feira, 5 de abril de 2013. Mercado B7.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Record. Rio de Janeiro. 2006.

SILVEIRA, Maria Lúcia da e Neuza Tito (org.). *Trabalho doméstico e de cuidados: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana*. São Paulo. Sempre viva Organização Feminista. 2008.

STORLASKY, Márcia Cristina. *Caminhos da Alimentação Escolar no Brasil; análise de uma política pública no período de 2003-2004*. Dissertação de mestrado. Universidade federal do Paraná. 2005.

TAKAHASHI, Maria Alice Batista Conti, Célio Roberto Pizzi, Eugênio Paceli Hatem Diniz. *Nutrição e dor; o trabalho das merendeiras nas escolas públicas de Piracicaba – para além do pão com leite*. Ver. Bras. Saúde ocup. Vol. 35, nº 122, São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0303-765720/0000200018>>. Acesso em: 01/09/2013.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1972.

TOMAZ, Maria Claro Machado. *História Oral: uma co-produção responsável*. In: *Caderno espaço feminino / Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*. Universidade Federal de Uberlândia. Vol. 3. Número ½. Ano III. 1993.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. *A pesquisa em história*. São Paulo. Ática. 1989.